

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**DESMANCHANDO NOVELOS E TECENDO SONHOS:**  
**A VIDA DAS RENDEIRAS DE CAMALAU**

**ELSE DE FARIAS ALBUQUERQUE**

**CAMPINA GRANDE/PB**

**2002**

**ELSE DE FARIAS ALBUQUERQUE**

**DESMANCHANDO NOVELOS E TECENDO SONHOS:  
A VIDA DAS RENDEIRAS DE CAMALAU**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em sociologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes

CAMPINA GRANDE/PB

2002

**DESMANCHANDO NOVELOS E TECENDO SONHOS:  
A VIDA DAS RENDEIRAS DE CAMALAU**

Dissertação de Mestrado apresentada em: 24 de Julho de 2002.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes – UFPB  
Orientadora

---

Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima – UFPB  
Examinadora

---

Profa. Dra. Maria Ignez Novais Ayala - UFPB  
Examinadora

**DIGITALIZAÇÃO:  
SISTEMOTECA - UFCG**

Campina Grande/PB

2002

Dedico a Gil e Julia,  
por terem compreendido minhas  
ausências.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me conduzido, em meio as dificuldades, a chegar até aqui.

A minha orientadora, Marilda Aparecida de Menezes, por ter sido amiga, cuidadosa, incentivadora, paciente, companheira e, principalmente, obrigado pelo seu incentivo que me fez acreditar que ainda era possível a “aventura” da pós-graduação.

Ao meu pai e a minha mãe, que, além da torcida, me dedicam um amor que me fortalece.

As minhas irmãs amigas Mira, Marzina e Wanda pela fundamental ajuda nas correções, digitação e impressão e, principalmente, pela prontidão em me socorrer nas dificuldades.

Ao meu irmão Samuel, pelo seu amor, cuidado, dedicação, e por sua imensa generosidade que tem me trazido conforto e segurança.

Ao meu sobrinho Felippi, pela sua disposição em me ajudar sempre que precisei.

A Ana Cláudia, por ter hospedado a mim e aos meus livros, que “bagunçaram” tanto sua casa, obrigado pela acolhida e pelo carinho.

A Lenira, amiga querida, que me acolheu em todas as visitas a Camalaú, obrigado pela hospitalidade.

Aos meus colegas do mestrado: Paulo, Simone, Jaciara, Edjane, Raimundo, Brandão e Márcio, pelos bons momentos compartilhados e pelo companheirismo e incentivo nos momentos críticos.

A Irlanda, pela amizade sincera que tivemos oportunidade de construir. Espero, sinceramente, que seja duradoura.

Um agradecimento especial a todas as mulheres rendeiras que me acolheram em suas casas, responderam minhas perguntas (as vezes indiscretas), enfim, que me ajudaram a escrever este trabalho me dando importantes informações.

Não poderia, finalmente, deixar de agradecer a CAPES por ter possibilitado este trabalho, me concedendo uma bolsa de estudos.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO I – CAMINHOS E DESCAMINHOS DO TRABALHO DE CAMPO.....</b>	<b>5</b>
1.1. O município.....	7
1.2. A relação de teoria e prática no trabalho de campo.....	18
<b>CAPÍTULO II – MEMÓRIA E APRENDIZADO.....</b>	<b>22</b>
2.1. A chegada da renda na região: “ mitos de origem” .....	23
2.2. A renda renascença em Pernambuco e na Paraíba.....	25
2.3. A transmissão do saber-fazer.....	27
2.3.1. O espaço da casa.....	28
2.3.2. O espaço da escola.....	34
2.4. Renda e qualidade.....	41
<b>CAPÍTULO III RENASCENÇA: VALOR MATERIAL E SIMBÓLICO... 45</b>	<b>45</b>
3.1. A importância da renda como atividade de rendimentos.....	46
3.2. A renda como atividade de homem.....	48
3.3. A renda como atividade de mulher.....	51
3.4. A feitura da renda no cotidiano das mulheres.....	56
3.5. O valor simbólico da renda.....	59
<b>CAPÍTULO IV – O ATRAVESSADOR NO CONTEXTO DA RENASCENÇA.....</b>	<b>66</b>
4.1. A figura do atravessador.....	67
4.2. Os diferentes atravessadores.....	69
4.3. Atravessadores e rendeiras: uma relação ambígua.....	72
4.4. A comercialização da renda no espaço da feira.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	96

## Resumo

Os estudos sobre artesanato no Brasil têm sido relegados a um lugar de importância menor. No entanto, considerando a atividade artesanal como sendo importante, atual e cumpridora de uma importante função social, buscamos, nesse estudo, contemplar os aspectos material e simbólico dessa atividade. Procuramos então compreender como se organiza a vida das mulheres rendeiras de Camalaú em torno do seu ofício, a renda renascença, e como é construído seu relacionamento com os diferentes agentes sociais que estão ligados à atividade da renda, da produção até a comercialização. Orientada pela perspectiva de que os conceitos não são estáticos e de que devem ser construídos num constante diálogo entre teoria e evidência empírica, procurei compreender o artesanato como sendo um termo genérico que “esconde” muitas particularidades. Por trata-se de uma etnografia, o esforço, nesse estudo, foi o de observar que houvesse um diálogo constante entre teoria e trabalho de campo. Nesse sentido, este texto, como resultado deste diálogo, procura apontar para a heterogeneidade do artesanato da renda renascença como um meio de sobrevivência, e também para dimensão lúdico do fazer renda.

## ABSTRACT

Studies about crafts in Brazil have been dismissed to a place of minor importance. However, considering that craft is an important and present activity and has a social function, we pursue, in this study, contemplate material and symbolic aspects of this activity. It includes how the female lacemaker lives are organized to work on the renaissance lace And how their relationship with the diverse social agents connected with the lace business – from production to commercialization - are constructed. Guided by the perspective that the concepts are not static but they are built upon a permanent dialogue between theory and empirical evidence, we pursue to understand craft as a general term which hide many particularities. As an ethnography, the attempt was to guarantee a dialogue between theory and field work. In this sense, this text intends to point out the heterogeneity of renaissance lace craft as an economic activity and the pleasant side of making it.



## INTRODUÇÃO

Apesar de estarem sendo pouco explorados, as possibilidades de estudo sobre o artesanato são muitas, considerando-se que este é uma manifestação comum a diversas culturas sendo utilizado como estratégia de sobrevivência principalmente em populações rurais.

Entre os poucos trabalhos sobre artesanato, quase se contam nos dedos os estudos em que o elemento pessoal, o homem criador, o artesão que pensa, sente, reage, intervém na invenção da realidade, é posto em evidência. Não considero possível conceber formas de expressões identificadas com a memória cultural das populações, representando possíveis respostas às suas soluções espirituais e materiais, sem uma ligação dessas expressões com um ambiente de homens. Homens e mulheres com nome, sensibilidade, imaginação, recordações de seu passado, da sua comunidade com quem "aprenderam a arte". Nesse sentido, concordo com Canclini (1983:53) quando aponta para a importância de estudar o artesanato como um processo e não como um resultado.

Orientada por essa perspectiva procurei compreender como se organiza a vida das mulheres rendeiras de Camalaú em torno da renda e como é construído o seu relacionamento com os diferentes agentes sociais com os quais elas interagem. Para tanto, fiz uso do método etnográfico, pedra angular da antropologia, que me permitiu compreender a vida das rendeiras de Camalaú, num constante diálogo entre a experiência do trabalho de campo e a teoria. Considero bastante pretensioso o título deste trabalho, pois, como caberia em um texto a vida de pessoas reais? Todavia, por tratar-se de uma versão, a minha própria, sobre aspectos da vida das mulheres rendeiras de Camalaú, considerei possível intitulá-la assim.

A pesquisa de campo que deu suporte a esse trabalho, teve como *locus* a cidade de Camalaú-PB e ocorreu entre Setembro de 2000 e Novembro de 2001. No entanto

ela não foi ininterrupta durante todo esse período. Após uma coleta preliminar de dados que ocorreu em Setembro de 2000, período em que estive por uma semana na cidade, só voltei ao campo em Junho de 2001. Entre os meses de Junho a Novembro de 2001 a pesquisa foi efetivada e intensificada.

Como a coleta de dados esteve pautada nos moldes da observação participante, a qualidade dos dados dependeu especialmente da convivência com as pessoas pesquisadas. Nesse sentido, todas as minhas visitas ao campo foram prolongadas. Fiz cinco visitas nas quais me demorava em média uma semana.

Durante estas visitas fiz entrevistas e conversei com 36 pessoas, direta ou indiretamente ligadas a renda renasença. Entre essas pessoas entrevistei 25 rendeiras e rendeiros – com idades variando entre 8 e 68 anos --; 1 ex-prefeito da cidade de Camalaú; 1 padre; 1 dono de fábrica de beneficiamento da renda renasença; 6 atravessadores e atravessadoras; 1 mulher que só faz o meio ponto (trabalho ligado ao acabamento da renda) e 1 uma mulher que prega o lacê no desenho (fase inicial do processo de feitura da renda).

Para a coleta dos dados utilizei entrevistas semi-estruturadas, diários de campo, histórias de vida e fotografias. Nem todas as entrevistas foram gravadas pois, em sua maioria, os entrevistados preferiram assim.

Fiz ainda viagens à Poção e Jataúba, cidades do interior de Pernambuco, onde acontecem feiras semanais da renda renasença. Nessas viagens pude observar atitudes das rendeiras frente aos atravessadores, em que bases ocorre a venda da renda, a diferenciação entre os vários tipos de atravessadores e o poder de barganha de algumas rendeiras na hora da venda.

Fui à cidade de João Pessoa conversar com o assessor do Para'iwa – Coletivo de Assessoria e Documentação – ONG que é responsável pelo projeto e

implementação da Oficina Escola de Rendeiras de Camalaú. Esta escola foi de grande importância para a nossa pesquisa.

Contei ainda com a ajuda da professora Lia Mônica Rossi, que, com sua experiência e sensibilidade como designer, deu-me informações importantes, sobre o artesanato e a renda. ajudou-me com indicações bibliográficas e orientou uma das minhas visitas ao campo.

Durante minha estada em Camalaú, tive oportunidade de participar de algumas reuniões com agentes de desenvolvimento do Banco do Nordeste, ligados ao programa Farol do Desenvolvimento. Nessas reuniões eles fazem palestras, propõem financiamentos e, parte representativa das pessoas da cidade – incluindo rendeiras – freqüenta essas reuniões. Em uma dessas oportunidades, conversei com um agente que me passou relatório feito pelo BNB, sobre o artesanato paraibano, no qual é apresentado um diagnóstico das rendas do Cariri. Os dados contidos no relatório se converteram em uma importante informação para o meu trabalho.

Considero como principal dificuldade na coleta dos dados, as conversas com os atravessadores. Eles, em sua maioria, costumam ser arredios e reticentes, pouco afeitos a entrevistas. Assim, considerei que os dados relativos a eles haviam sido insuficientes, e retornei a campo em Março de 2002 para completá-los. Após a coleta dos dados, dei início a sua análise que resultou neste trabalho, cujos capítulos estão organizados da seguinte forma:

No primeiro, intitulado **Caminhos e descaminhos do trabalho de campo**, procurei traçar a minha trajetória na pesquisa de campo, ressaltando o caráter intersubjetivo entre os agentes da pesquisa e o modo como o diálogo entre teoria e trabalho de campo foi construindo, desconstruindo e reconstruindo o objeto da pesquisa.

No segundo capítulo, **Memória e aprendizado**, proponho-me a apresentar as possíveis origens da renda em geral e da renascença em particular; a mapear a chegada da renda na região estudada; e a transmissão do saber- fazer da renascença nos espaços da casa e da escola.

No terceiro capítulo, **Renascença: valor material e simbólico**, evidenciarei a importância da renascença como atividade de rendimentos; a renda como atividade de homem e de mulher e a sua feitura no cotidiano das mulheres, enfatizando os aspectos lúdicos.

Por último, discutirei, no quarto capítulo, **O atravessador no contexto da renascença**, sobre a heterogeneidade da figura do atravessador e sobre a ambigüidade que envolve a sua relação com as rendeiras, além de apresentar como ocorre a comercialização da renda no espaço da feira.

CAPÍTULO I  
CAMINHOS E DESCAMINHOS DO TRABALHO  
DE CAMPO

*“Haverá quem diga que a interpretação é sempre parcial. É possível. Talvez porque haja, também, um componente de emoção nessa arte, que interfere sobre a análise racional. Emoção gerada pela beleza do objeto e pela força do artista que o produz”. (Silvia Porto Alegre)*

Meu primeiro contato com as rendeiras de renascença aconteceu no assentamento de Nova Floresta, município de Camalaú. Na ocasião fui levada por integrantes da CPT (Comissão Pastoral da Terra) a quem fui apresentada por minha orientadora Marilda Menezes.

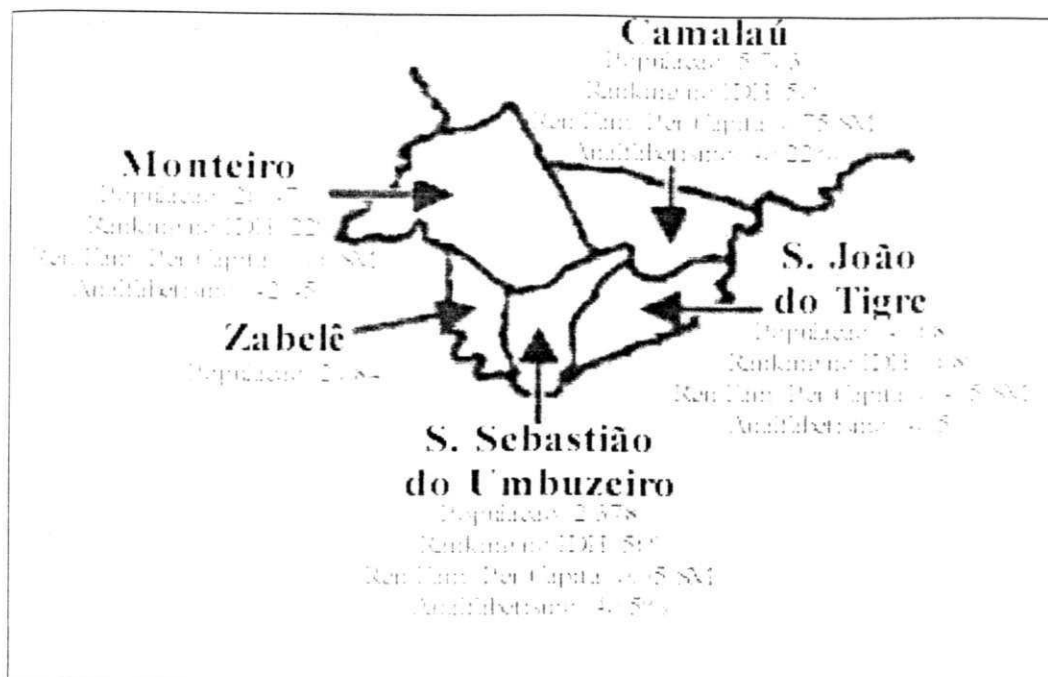
Esse primeiro encontro foi marcado por um misto de encantamento e perplexidade, proporcionado pela visão impactante daquelas mulheres pobres, cercadas por crianças maltrapilhas, sentadas nas soleiras das portas tendo, no colo, uma almofada com a renda posta sobre ela, envolvida num pano limpo, cuja beleza destoava do restante do ambiente. Em cada uma daquelas moradias que, àquela época, setembro de 1999, ainda carecia de infraestrutura básica, necessária para habitação, havia mulheres rendando.

Naquele momento, ávida de saberes e grávida de possibilidades, nasce o anteprojeto com o qual ingressei no PPGS (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Como aluna deste programa, escolhi a cidade de Camalaú<sup>1</sup> como *locus* da pesquisa de campo.

---

<sup>1</sup> O nome Camalaú é de origem indígena, podendo ser a corruptela do termo “CAM/B/ARA/Ú” = Rio do Câmara, do tupi-guarani. (In: SOBRINHO, Antonio Mariano, 1996)

## 1.1. O Município



**Figura 1: Mapa Circuito da Renascença**

**Fonte: IDEME/Sebrae**

Situado no Cariri paraibano, na Mesorregião da Borborema e Microrregião dos Cariris Velhos da Paraíba (Cariri Ocidental), o município de Camalaú possui 5.514 habitantes, sendo 2.743 homens e 2.771 mulheres. Destes, 2.357 pessoas residem na cidade e 3.157 na zona rural.

A cidade está situada a 25 KM da Br – 412, a qual se liga pela Rodovia “José Mariano de Farias”, dando acesso aos Municípios de Monteiro e Sumé (36 quilômetros); através da Rodovia – 242, via Pitombeira, está ligada a Monteiro (42 quilômetros), e através da Rodovia – 196, está ligada a São João do Tigre e Congo (24 quilômetros). As estradas, em geral, estão em péssimas condições. Da Br 412 até a cidade, são 25 quilômetros de estrada não asfaltada, íngreme e tortuosa, tornando o acesso bastante difícil.

Na cidade de Camalaú as atividades econômicas básicas são o artesanato, a agricultura familiar, a pecuária e o extrativismo rudimentar. O comércio e o setor de prestação

de serviços são bastante modestos. O município não contém indústrias e sua maior fonte de renda advém do serviço público e das aposentadorias rurais. Camalaú é um dos municípios mais pobres e esquecidos do cariri paraibano. Fatores históricos, políticos e culturais têm contribuído para isso<sup>2</sup>.

Ao lado de outros municípios – Congo, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê – Camalaú destaca-se pela produção da renda renascença. Esta renda<sup>3</sup> caracteriza-se por ser uma renda de agulha, cujos pontos teriam tido origem na época do renascimento.

Em toda essa região do Cariri paraibano, a renda renascença aparece como importante fonte de rendimentos, envolvendo cerca de quatro mil mulheres, segundo dados obtidos em diagnóstico feito pelo Banco do Nordeste (abril/2000) sobre o artesanato do Cariri paraibano, especificamente o da renda renascença. A maioria dessas mulheres detêm o conhecimento do fazer a renda desde a infância. Dentro do universo pesquisado, as mais velhas, entre 45 e 68 anos, aprenderam a rendar com suas amigas ou primas; as mais jovens, abaixo de 45 anos, tiveram em suas mães e avós as mestras e possuidoras do “segredo” da renascença.

Para a confecção das peças de vestuário, alfaias e roupas de cama, mesa e decoração que são feitas de renda renascença, ocorre um meticuloso processo que obedece a etapas que precisam ser cuidadosamente obedecidas. Feito com material bem simples – agulha e linha – o tecimento das peças obedece as seguintes etapas:

- o primeiro passo é a escolha do desenho ou risco. Esse é um momento importante e definidor do tipo de peça que vai ser confeccionada;
- o segundo passo é colar o risco em um papel fino (papel de seda);

---

<sup>2</sup> SOBRINHO (1996)

<sup>3</sup> Sobre a renda em geral e a renascença em particular, falarei no cap. II



- em seguida, esse papel fino é alinhavado em um outro papel, um papel grosso, para possibilitar a realização do trabalho, dando resistência ao manuseio do riscado;
- sobre o desenho é pregado, então, o lacê seguindo todo o riscado. Nesse ponto, a peça já está pronta para ser tecida;
- agora, o papel grosso é enrolado em uma almofada que, colocada sobre o colo, servirá como suporte para a rendeira realizar o seu trabalho;
- a etapa seguinte é a do tecimento propriamente dito, que é o preenchimento do espaço vazio entre os lacês;
- ao término do tecimento, se a peça for só de renda, estará praticamente pronta faltando, apenas, o acabamento que consiste em cortar a linha do alinhavo para retirar a peça do papel e fazer o arremate.
- se a peça for mista, composta por linho e renda, passará pela montagem ou armação, ou seja, pregar o linho nas partes que não tem renda. Algumas dessas peças ainda serão adornadas com belos bordados, também feitos à mão.

Em Camalaú, a grande maioria das rendeiras não produz peças inteiras. Elas recebem de atravessadores o novelo para ser *desmanchado* – termo utilizado pelas rendeiras para designar a feitura da renda – e o riscado, para confeccionar pequenos pedaços de renda que medem mais ou menos 30 cm de diâmetro. Para *desmanchar* um novelo, essas mulheres trabalham, em média, uma semana e recebem entre cinco e sete reais, por novelo *desmanchado*. No dia apazado os atravessadores recolhem os pedaços da renda e levam para as fábricas de beneficiamento que estão localizadas nos municípios de Poção e Pesqueira, no estado de Pernambuco. Nessas fábricas, as peças são lavadas e engomadas e, nos casos em que as peças são mistas, a renda é aplicada no linho antes da lavagem. É dessas fábricas que saem para o mercado as famosas peças de renda renascença que, para o consumidor, são conhecidas como

provenientes de Pernambuco, e são vendidas por preço bastante elevado em boutique, feiras e lojas de artesanato não só do Nordeste do Brasil, como também do Sudeste e até do exterior, a exemplo da França e da Bélgica.

Ao aproximar-me mais das rendeiras de Camalaú, chamou-me particular atenção a forma fragmentada em que ocorre o processo de produção da renda renascença. Quis então compreender como essa fragmentação poderia vir a trazer implicações sobre o saber-fazer das rendeiras e sobre a perda da autonomia com relação a sua arte. Passei então algum tempo concentrando todo o meu esforço em investigar a fragmentação, até perceber que o meu olhar sobre a vida e organização do trabalho daquelas mulheres era informado por uma visão de artesanato muito romântica.

Em um importante estudo sobre a **arte do ouro** em Juazeiro do Norte –CE, Alvin (1983:50), levanta uma discussão interessante sobre artesanato e tradição. Segundo esta autora, a parte da literatura sociológica que dá esse tratamento a questão, opera com a visão dicotômica, segundo a qual o artesanato faria parte de um mundo diferente, oposto ao mundo moderno. Os estudiosos que compartilham dessa visão, propõem o resgate do artesanato como parte de uma tradição dita popular. Esse olhar privilegia aspectos como “pureza”, “originalidade” e “autenticidade”, não atentando para a heterogeneidade que o artesanato abrange. Em seus termos, *“A tradição que deve ser vista no artesanato é o conjunto de práticas sociais e culturais materialmente presentes e que se reproduzem através do trabalho dos chamados artesãos”*.

Consoante com esta autora, vemos que o artesanato não é uma atividade homogênea e, desse modo, deve ser considerada como uma atividade cujas particularidades estão “escondidas” sob o termo genérico: artesanato. Isso remete ao fato de que, como toda categoria analítica, essa não deva ser tomada “a priori”, devendo antes, ser construída a partir do acúmulo de conhecimento produzido sobre a realidade. Nos termos de Thompson (1978:56), o conceito deve ser construído num diálogo entre teorias e evidência empírica. Assim, “(...) esses

*conceitos que são generalizados pela lógica, a partir de muitos exemplos, são confrontados com as evidências, não tanto como 'modelos', mas antes, como 'expectativas'".* Assim, como o que deve ser buscado na aplicação de um conceito, é sua elasticidade, suas possibilidades de uso diversos, e não sua redução à categorias estáticas, a nossa perspectiva aqui, foi a de buscar compreender como se organiza a atividade artesanal a partir dos agentes sociais envolvidos neste processo, buscando entender que sentido é atribuído ao artesanato por quem o pratica.

Através de um contato mais direto, observando / participando do dia –a –dia das rendeiras, quando elas deixaram de ser para mim um grupo de pessoas e eu passei a vê-las como mulheres com nomes, anseios, expectativas, sonhos, enfim, com histórias de vida particulares e únicas: passei então a captar uma variedade importante de situações ou fenômenos do cotidiano em geral, que me fizeram rever a questão principal do meu trabalho, que era a centralidade da fragmentação do processo de produção artesanal, bem como o “romantismo” da minha visão de artesanato.

Porto Alegre (1985) considera que a maior parte dos estudos sobre artesanato acabam por privilegiar o produto do trabalho dando pouca atenção às relações sociais envolvidas. A autora sugere, então, que o trabalho artesanal deva ser estudado a partir de sua inserção na formação histórica e não apenas encarando o artesão como um trabalhador por conta própria, sob o capital. Segundo a referida autora, esses estudos acabam pondo em tela alguns conceitos estáticos sobre cultura popular como sendo uma cultura autêntica, cuja preservação deva ser buscada.

Durante um ano, fiz várias viagens a Camalaú, nas quais me demorava uma ou duas semanas fazendo visitas diárias às casas das rendeiras, cuja receptividade me emocionava. Nessas idas e vindas o meu olhar foi construído, desconstruído e reconstruído e, junto com ele, meu objeto.

Na tentativa de se fazer compreender pela gente do lugar, o pesquisador, passa, muitas vezes, por um processo árduo que envolve constrangimentos, falsas interpretações,

interdições, enfim, situações que o levam a amadurecer e a criar estratégias de sobrevivência no campo, sob pena de não conseguir se comunicar com aquelas pessoas tão fundamentais para a feitura do seu trabalho.<sup>4</sup> Essas informações, no entanto, ficam na maioria das vezes, “escondidas” sob a frieza das técnicas e métodos utilizados nas pesquisas de cientistas sociais que não revelam ao público leitor as angústias vivenciadas no campo.<sup>5</sup> A falta dessas informações leva o pesquisador principiante a se sentir inseguro e despreparado para enfrentar a difícil tarefa de compreender o ‘outro’. É válido lembrar, nesse momento, que, com o olhar teoricamente ‘domesticado’, o pesquisador já terá alterado, de antemão, o objeto sobre o qual se debruça.<sup>6</sup>

Informada pelo treino dado pela Antropologia, minha primeira tentativa de aproximação foi a de me fazer o menos “estrangeira” possível para os meus informantes. A minha presença nas casas, na rua, no ônibus, na escola, nas reuniões, enfim, em todos os espaços visitados / ocupados por mim, se tornou “artificial” pois eu, enquanto pesquisadora, sou sempre estrangeira no lugar. Há um conjunto de expectativas que me acompanham por onde passo. Esse conjunto de expectativas, aliás, ocorre de forma recíproca entre mim e meus interlocutores.

Quando no primeiro encontro com as rendeiras me apresentei como aluna da universidade e informei o motivo da minha visita, transmiti uma idéia equivocada de estar ali para fazer uma pesquisa, cujo resultado traria algum tipo de financiamento para elas. Isto ocorreu porque, para estas mulheres, o termo “projeto” estava eivado de significados, até então, desconhecidos por mim.

Por vezes chegam a Camalaú, pessoas pertencentes à órgãos do governo ou a ONGs, com projetos que pretendem intervir na atividade da renda, buscando mostrar alternativas que melhorem a eficiência econômica da produção da renda renascença. Quando falei em “projeto”, essas mulheres, por associação, me identificaram como agente de uma ONG. Elas

---

<sup>4</sup> Zaluar (1986)

<sup>5</sup> Menezes (2002); Zaluar (1986); Barreman (1980)

<sup>6</sup> Oliveira (1986)

ficaram me perguntando se o meu projeto era daqueles “à fundo perdido”. A partir de então passei a perceber que havia criado expectativas que não seriam jamais atendidas por mim.

A consciência desse fato levou-me a mudar a estratégia de abordagem: passei então a apresentar-me como alguém que não comprava nem vendia renda, e que estava ali como estudante para conhecê-las e saber mais sobre sua atividade como rendeiras. Essa mudança na abordagem não me fez menos “estrangeira” mas começou a romper algumas barreiras.

Ao longo de todo o processo de pesquisa, muitas “máscaras” me foram colocadas, algumas das quais com o meu consentimento. Nesses termos, a troca de interesses que se estabelece entre pesquisador e depoente é marcada por uma relação intersubjetiva envolta em emoções visíveis e invisíveis. Durante a pesquisa tive a oportunidade de conversar com várias pessoas que possuíam diferentes interesses e me atribuíam diferentes papéis.

Durante meu contato com as rendeiras, pude perceber que as mesmas não são uma categoria homogênea que possa ser pensada a partir de generalizações. Assim, necessário se faz considerar o “outro”, enquanto dotado de autonomia e peculiaridades que o tornam um sujeito que fala, atua e pensa.

Desse modo, várias situações ocorridas durante a pesquisa ilustram essa relação intersubjetiva, pois, conhecendo a intimidade de pessoas como dona Marina, dona Maria José, Gorete, Luciana, Claudenice, Roberto, entre outros; deparei-me com diferentes trajetórias marcadas por experiências diversas.

Lembro-me, com ternura, daquela tarde em que, munida de gravador, lápis, papel e coisas afins, saí procurando, no conjunto da COHAB, a casa da rendeira mais antiga do lugar. Ao chegar em sua casa, encontrei uma mulher baixinha e rechonchuda, com um sorriso sempre pronto enfeitando um rosto marcado pelo tempo e pelo sofrimento, dona Marina. Ela estava lavando roupas, e, quando eu me apresentei interessada em sua história, ela prontamente largou o que estava fazendo e, com uma presteza comovente, se colocou a minha disposição, demonstrando se sentir privilegiada com o meu interesse. Nosso encontro foi marcado por

sorrisos e lágrimas. Mulher bem humorada, do tipo que sabe driblar as dificuldades da vida, naquele dia, dona Marina estava com “vontade de desabafar com alguém”. Ao encontrar em mim ouvidos atentos, me considerou alguém “em quem se podia confiar” e, pedindo para que o gravador fosse desligado, me confidenciou acontecimentos vividos por ela. Segundo Pollak (1989:6), *“para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”*. O fato de ter em mim essa escuta fez com que dona Marina passasse a falar de situações tristes que ela havia vivido, ocorrendo naquele momento da entrevista uma espécie de catarse<sup>7</sup> proporcionada por essa incursão ao passado, fazendo uso da memória. A partir de então dona Marina passou a me ver como amiga e, desde aquele dia, todos os nossos encontros, casuais ou não, ficaram marcados por uma espécie de cumplicidade.

Nos termos de Bosi (1994) *“Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do aqui e agora a partir do outrora: é sentimento, reparação do feito e do ido, não mera repetição”*<sup>8</sup>. Apoiada nas considerações feitas por Halbwachs, que centra sua atenção nos “quadros sociais da memória”, a autora vai considerar que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Assim, quando lembramos, é porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar. Os relatos de trajetórias de vida se desenrolam, a priori, por uma variação que se encontra intrínseca a cada narrativa: homens e mulheres formulam perspectivas, anseios, desejos distintos ao expor suas histórias de vida. Essas memórias, individuais e/ou coletivas, se apresentam como base de um desenvolvimento familiar e social.

A utilização da memória como recurso metodológico foi escolhida porque, através dela, acredito ser possível compreender melhor a vida e organização social das rendeiras. O estudo da memória possibilita a compreensão do que é significativo para a pessoa e para o grupo, já que, ao lembrar, “fica o que significa”.

---

<sup>7</sup> Caldeira (1980)

<sup>8</sup> Bosi (1994)

A importância do trabalho da memória para a demarcação de identidades individual, familiar ou de grupo, não se expressa apenas nos fatos ou acontecimentos relatados, mas na forma como as pessoas relatam sobre suas vidas. É possível perceber que as mulheres narram sobre suas vidas de diferentes maneiras, dependendo do lugar social nos quais elas estejam inseridas<sup>9</sup>.

Consideramos então que, esse olhar do presente sobre o passado, permite ao pesquisador, alargar os horizontes do “aqui e agora” para o “lá e então”, reconstruindo, junto com o depoente, suas trajetórias.

Além do caso de dona Marina, é importante registrar aqui dois outros acontecimentos marcantes: o encontro com dona Mocinha, uma rendeira e atravessadora; e outro encontro com Marli e Fátima, duas diretoras da ASCAMP (Associação das Mulheres Produtoras de Camalaú). A primeira vez que fui recebida por dona Mocinha, mulher dinâmica, que me recebeu amigavelmente, aventando a possibilidade de me vender alguma peça, considerei esse encontro como “dessacralizador”. Isto porque, até então, o meu contato com a renda havia sido “protegido” por um certo encantamento e vislumbre. Eu sempre via a renda sendo “cuidada” pelas rendeiras, envolta em um pano limpo. Ao chegar à casa de dona Mocinha, em uma certa altura da nossa conversa, ela mandou buscar sacos e mais sacos cheios de renda e jogou tudo no chão. Das casas que visitei, em Camalaú, foi na casa de dona Mocinha, onde vi a maior quantidade de peças de renda. Ao vê-la, juntamente com suas filhas, pisando naquelas peças fiquei chocada e, ao perceber o meu espanto, ela me disse, com naturalidade, que as peças ainda seriam lavadas e que as coisas funcionavam daquela maneira mesmo. Essa foi a primeira vez que vi a renda “distanciada” da rendeira, um distanciamento entre sujeito e objeto: o que me fez atentar para a renda enquanto mercadoria.

Se, por um lado, saí desse encontro deixando uma impressão de ser uma possível compradora, levei de dona Mocinha a impressão de uma comerciante fria e calculista. À medida

---

<sup>9</sup> Barros (1994); Bosí (id. ibdem)

que minhas visitas à sua casa foram se sucedendo, ambas passamos a ter outras impressões uma da outra. Desfeitas as primeiras impressões, foi possível uma maior aproximação entre nós.

Pertencentes a mundos diferentes e, geralmente, com interesses opostos, pesquisador e pesquisado vivem, no momento da pesquisa, uma relação delicada. O esforço do pesquisador deve ser o de, ao adentrar o mundo do “outro”, se imiscuindo na sua história de vida de forma invasiva, reconhecer que está numa relação desigual. Talvez, o sucesso do pesquisador dependa do *controle e interpretação das impressões* que decorre da sua relação com o sujeito pesquisado. Essas impressões resultam das observações e inferências que os indivíduos – pesquisador e pesquisado – fazem um do outro, a partir de atitudes e palavras que são feitas e ditas, pública ou privadamente. *“As tentativas de dar a impressão desejada de si próprio, e de interpretar com precisão o comportamento e as atitudes dos outros são uma componente inerente a qualquer interação social e são cruciais para a pesquisa etnográfica”*. Barreman(1980:125)

Quando fui apresentada a Marli e a Fátima, pensei, de início, que ambas poderiam vir a ser informantes-chave, por transitarem em diferentes espaços que incluíam a ASCAMP - como diretoras - e a Escola das Rendeiras de Camalaú<sup>10</sup> - como professoras e coordenadoras -. Fátima, eu nunca conseguia encontrar e, Marli, me fazia sempre esperá-la e depois gentilmente me dispensava alegando estar muito atarefada no momento. Até que, em uma das minhas visitas - que ocorriam na Secretaria de Educação do Município, onde elas também trabalham -, após as saudações de costume, lhes disse que estava com meu projeto de pesquisa<sup>11</sup> e que gostaria que elas dessem uma “olhadinha”. Após fazerem uma rápida leitura da introdução, as duas mulheres se entreolharam de forma cúmplice e, sem que eu pudesse compreender bem o porquê, naquele momento elas me surpreenderam com uma receptividade com a qual não contava. Passaram então a elogiar minha forma de escrever, o meu interesse pela

---

<sup>10</sup> Sobre a Escola das Rendeiras me referirei mais demoradamente no capítulo II

<sup>11</sup> Projeto apresentado ao PPGS como pré-requisito para elaboração da dissertação



cidade e por elas, a quantidade de livros citados na bibliografia, entre outras coisas. Percebi então que, naquele momento, inaugurava uma nova etapa no nosso relacionamento.

Nesse mesmo encontro, falei-me sobre suas dificuldades em fazer um projeto que havia sido requisitado por um agente internacional que falava em nome do *Comunidade Solidária* e me perguntaram se eu poderia ajudá-las na elaboração do mesmo, o que prontamente atendi. Fizemos o projeto e, a partir daí, as “portas se abriram”. Os convites então se sucederam e, sem pensar sobre o papel que estava assumindo naquelas circunstâncias, passei a ser uma espécie de “intermediadora” em reuniões da ASCAMP, entre as dirigentes e outras rendeiras; e entre a ASCAMP e representantes da FAC (Fundação de Ação Comunitária), órgão do governo do Estado. É importante registrar que, para as representantes da FAC, fui apresentada como sendo alguém que já se confundia com a gente do lugar, devido ao meu interesse pelas rendeiras e pela renascença. Utilizando a expressão “ela é quase uma de nós”, Marli me pediu que falasse sobre a situação das rendeiras. Ali foi projetada em mim uma impressão exagerada sobre o meu papel<sup>12</sup>. Talvez, ser apresentada apenas como pesquisadora, não me habilitasse a fazer o que Marli gostaria que eu fizesse que era falar, em termos convincentes, da necessidade de ajuda e apoio governamental, fundamentais para a ASCAMP e para as rendeiras. Assim, apresentar-me como alguém “do lugar”, me tornava-me apta a fazer aquela intermediação.

Diante desses acontecimentos, compreendi que minha interferência naquela comunidade, ainda que não intencionalmente, incorporava aspectos da pesquisa-ação<sup>13</sup>. Esse envolvimento trouxe a tona um conflito, provavelmente já vivenciado por outros pesquisadores em campo. O que aqueles acontecimentos sinalizavam? Indicavam que estava finalmente ocorrendo a tão “sonhada” aceitação da pesquisadora pelo grupo – resguardados os princípios da alteridade -: ou se configurava ali uma demonstração da falta de maturidade e criticismo da

---

<sup>12</sup> Barreman ( op. Cit )

<sup>13</sup> Segundo Thiollent (1996:14), é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

pesquisadora? Pensar sobre esses fatos e registrá-los aqui, tem sido uma tentativa de resolver o conflito. Acredito ser essa uma forma possível de distanciamento.

## 1.2 A relação entre teoria e prática no trabalho de campo

Nas primeiras entrevistas feitas com as rendeiras de Camalaú, estas se referiam, em suas falas, a um tempo em que seu trabalho tinha mais valor porque a renascença era feita por poucas mulheres e a produção era absorvida pelo mercado local. A renda era confeccionada para compor enxovais, atendendo a pedidos de encomendas feitas pelas filhas dos grandes proprietários da região e das famílias abastadas que viviam em cidades próximas. Remontava a essa época, também, o tempo em que, cada rendeira, ou um pequeno grupo de rendeiras de uma mesma família, dava conta de todo o processo de produção da renda, do tecer ao beneficiamento.

De posse dessas informações e fazendo uma leitura “apressada” da situação, considerei, então, que essa atividade havia passado por grandes transformações – ocorridas desde a produção até a comercialização –, considerando a fragmentação do processo de produção em que se encontra a atividade da renda. As rendeiras não produzem peças inteiras, recebem do atravessador o novelo e o riscado, e produzem, separadas, pedaços de uma mesma peça que não verão mais depois de pronta.

Considerei então que, nesse processo descrito acima, era possível perceber contornos da alienação do trabalho, nos termos marxianos, ao se constatar a desvinculação do eu com o objeto que se tornou o outro e de outro<sup>14</sup>.

No universo das rendeiras, essa alienação se daria no seu cotidiano, no seu ofício de fazer a renda, na medida em que poucas trabalham por conta própria, dada a impossibilidade de acesso a recursos necessários à confecção da renda renascença: bem como ao mercado consumidor do produto final de sua arte.

---

<sup>14</sup> Marx (1978)

As mudanças ocorridas nas relações de trabalho, que distanciam as artesãs do produto do seu trabalho, são encontradas, também, em outros estudos. Em um estudo realizado sobre as bordadeiras de Lagoa Seca, foi observado que, com as dificuldades enfrentadas para a aquisição da matéria-prima, e a comercialização, as bordadeiras passam a trabalhar para as intermediárias. (mulheres que fazem a mesma mediação, que os atravessadores, já citados por nós). Segundo a autora, *“...elas não mais conhecem quem usará o produto do seu trabalho, embora saibam, que são pessoas de outra classe social. Recebem em suas casas, através das intermediárias, as peças cortadas, riscadas e com cores determinadas, para executar o seu trabalho. (...) Com as modificações do processo produtivo, as bordadeiras executam, uma tarefa determinada, não se exercitando e até desconhecendo as outras fases do processo. Passam a ter seus passos controlados pela intermediária”*. Farias (1988:54)

Entre os artesãos da “arte do ouro”, em Juazeiro do Norte, é recorrente a idéia de que a fragmentação na produção das peças de ouro prejudica a arte. Segundo os ourives, “um artista mesmo, considerado, é o que pega a peça e faz sozinho. Já em máquina é diferente.” Assim, a categoria artista como definida pelos ourives, reforça a posse da arte como algo incorporado ao próprio trabalhador. Ser artista é possuir arte. A despossessão da arte, para estes artesãos, vai ocorrer pela sua entrada num mercado de trabalho moderno e capitalista<sup>15</sup>.

Com relação às rendeiras de renda renascença da cidade de Camalaú, o trabalho de campo levou-me a perceber que, desde a chegada da renda na região<sup>16</sup>, o processo de trabalho já era fragmentado. Ao se referirem a um tempo em que a renda era produzida por poucas mulheres de uma mesma família que detinham todo o processo de produção e também a comercialização, as rendeiras estão falando de casos isolados que não podem ser generalizados. A própria fragmentação é o que torna possível o trabalho delas, uma vez que, dado ao rigor e a lentidão próprios à feitura da renda, uma rendeira, ou um pequeno grupo de rendeiras, não conseguiria produzir, em tempo hábil, a quantidade de peças necessárias para atender a possíveis

<sup>15</sup> Alvin (1983)

<sup>16</sup> Ponto que desenvolverei no capítulo II.

encomendas. já que, o tempo médio gasto por uma rendeira na confecção de uma peça pequena – como um pano de bandeja – é de uma semana.

Partindo destas constatações, e vendo que minhas impressões estavam sendo “desmontadas”, pude perceber que, mesmo sendo verdade que entre as rendeiras e a renda havia uma desvinculação – ocasionada pelo fato de poucas trabalharem por conta própria dada a impossibilidade de prover o material utilizado na confecção da renda: e de não terem acesso ao mercado consumidor da renascença --, ao invés de investigar a alienação, eu teria elementos para dar visibilidade a um outro elemento, mais sutil, que é o da desalienação que ocorre enquanto as mulheres estão rendando.

Em um artigo em que o trabalho feminino nas unidades camponesas do Vale do Jequitinhonha é analisado, a autora observou que, as mulheres, ao desempenharem atividades ligadas à tecelagem e à cerâmica, experimentam um processo de desalienação. já que o produto do seu trabalho é basicamente orientado pelo valor de uso. O trabalho desenvolvido por estas mulheres é de grande importância para o grupo familiar e para elas e, longe de ser um fardo, é um trabalho que lhes dá satisfação, prazer e realização. Não é um trabalho definido pela alienação. Há, ao contrário, uma relação estreita entre sujeito e objeto, em que o produto recebe a marca da subjetividade de suas possuidoras. Em uma bela passagem do texto, a autora nos diz o seguinte: *“o objeto do trabalho encarna-se na tecelã. Ao mesmo tempo em que a colcha está sendo tecida, tecem-se fofocas, tecem-se os laços e as relações sociais. Da mesma forma que o pássaro (a garrincha) canta quando faz o ninho, a tecelã canta quando faz a colcha. Há também uma ligação estreita entre tecelã, pássaro e aranha. Todos tecem para sobreviver. Para a tecelã, o ato de tecer permite o sustento dos filhos. Da mesma forma que o ninho e teia de aranha representam o local para a reprodução, o lugar onde se tece assume a mesma importância. (...) A relação entre mulher, aranha, garrincha, tear, teia e ninho faz-se pela simbiose entre mulher e natureza, permeada pelos símbolos”* Silva (1998:96).

Quanto às rendeiras de Camalaú, é possível observar a (des) alienação no simbolismo que envolve o ato de tecer. Para além do domínio da técnica ou de uma habilidade, esse ato marca a posse do saber – fazer, a posse da arte, atributo que confere, a essas mulheres um caráter distintivo, quando comparadas a outras mulheres que não possuem o seu dom.<sup>17</sup>

Assim, a qualidade do material empírico que redimensionou meu olhar sobre o “outro”, redundou no redirecionamento do objeto de pesquisa inicial. A fragmentação do processo de produção artesanal, mesmo sendo importante, é apenas um entre outros aspectos para se pensar a situação das rendeiras de Camalaú. Conhecendo um pouco melhor o cotidiano das rendeiras – sendo guardadas as limitações do espaço da pesquisa - passei a me interessar mais pelo modo como se organiza a vida das mulheres rendeiras de Camalaú, em torno da renda e pelo seu relacionamento com os diferentes agentes sociais com os quais elas interagem à medida que constroem suas vidas e tecem as suas rendas.

---

<sup>17</sup> Sobre valor simbólico da renda, falarei no capítulo III

CAPÍTULO II  
MEMÓRIA E APRENDIZADO

## 2.1. A chegada da Renda na região: “Mitos de Origem”

*“ Conta-se que nas águas da laguna um marinheiro havia oferecido à sua noiva um ramo de corais dos mares do Sul, chamado “Mermeids Lace” ou renda das sereias.*

*Encantada com a delicadeza da planta marinha, a veneziana tentou imitar, à agulha, os lindos nós regulares do coral, tentativa de que resultou a criação da renda.”<sup>18</sup>*

Procurar a origem da renda é tarefa não muito fácil, uma vez que há diferentes mitos de origem, nenhum dos quais, muito precisos. Circunstância, aliás, comum à natureza dos mitos. No entanto, mesmo não sendo de grande relevância para este trabalho, considero interessante deixar algum registro sobre o tema.<sup>19</sup>

A aparição da renda remonta ao século XV e a sua origem é reivindicada por alguns países, como a Inglaterra, a França e a Itália. Mesmo não havendo dados históricos que indiquem, com precisão, qual foi o primeiro país onde surgiu a renda, é a Itália quem aparece, com mais frequência, como sendo o “berço da renda”, particularmente da renda de agulha. Todavia, os italianos teriam aprendido com os gregos a fazer tecidos rendados. Conjectura-se que a Grécia tenha criado esses tecidos com o seu famoso ponto Regusa. Com o aparecimento das rendas de Veneza, a Itália passa a destacar-se nesse particular.<sup>20</sup>

Quanto à etimologia da palavra, na acepção de tecido, está relacionada com o catalão *randa* e o espanhol *renda*, documentados respectivamente em 1390 e 1945. Sua origem céltica pode ser rastreada no provençal, onde o verbo *randar* (adornar, fazer orlas), corresponde à palavra *randa*, (“limite”, “fim”).<sup>21</sup> A designação inicial da renda foi a de “bordado aberto,” termo este que causou alguma confusão entre esta e o bordado, até cerca de 1860.<sup>22</sup> A diferença principal entre os dois consiste no fato de que o bordado é uma

<sup>18</sup> Dreyfus (1959)

<sup>19</sup> É necessário atentar para o fato de que, dada a escassez da literatura existente sobre o tema, arrisco-me aqui a ser rápida e concisa no tratamento da questão.

<sup>20</sup> Enciclopédia Delta Larousse

<sup>21</sup> Enciclopédia Mirador Internacional

<sup>22</sup> A Arte popular em Portugal (1956)

ornamentação executada por agulha, com fios têxteis sobre um tecido. Já a renda é definida como sendo um tecido aberto sem cordão nem trama, formado de pontos iguais ou diferentes, obtidos pelo cruzamento de fios, de maneira a produzir um desenho.

No caso específico da renda renascença, também conhecida por “ponto de Irlanda” e “Renda Inglesa”, há registros de sua aparição no século XVII. A cada um desses nomes corresponde uma explicação. O termo *ponto de Irlanda* se fundamenta no fato de que, com o advento da Revolução Industrial, várias tentativas foram implementadas, a partir de 1872, sob a proteção de Margarida de Savóia; como o estímulo à confecção desse tipo de artesanato em conventos irlandeses. Daí a designação. Quanto à denominação *Renda Inglesa* está ligada ao fato de que, no século XVII chegou a Inglaterra a renda flamenga, passando a ser difundida como *Ponto da Inglaterra*, com influências recebidas principalmente de Bruges. Com o estabelecimento do intercâmbio comercial entre Brasil e Inglaterra, destacou-se a exploração de pedras preciosas no município de Lençóis, na Bahia, local onde houve a concentração de manufaturas inglesas. Nesta região, usa-se a expressão “renda inglesa”. Já o termo *Renda Renascença*, está relacionado ao estilo próprio daquela época<sup>23</sup>, que primava pelas formas, pelo movimento, havendo um emprego de *arcos*, *meandros* e *florões*, que caracterizam esta modalidade de renda.<sup>24</sup>

A renda renascença, que tanto se liga à renda de agulha, como ao bordado e a guipura – espécie de renda muito fina -, é uma espécie de bordado em que os desenhos são feitos de pequenos cadarços formando fundo, acompanhado de *abertos*, *malhas* ou *baguetas* que a tornam mais sólida. Para a feitura desta renda, há uma grande quantidade de pontos que recebem nomes bem peculiares. Essa nomenclatura varia de uma região a outra e é informada por situações do cotidiano das rendeiras ou por associação com elementos já existentes. Entre

---

<sup>23</sup> Do Renascimento – movimento de renovação literária, científica e artística que se iniciou na Itália em meados do século XIV e se espalhou na Europa nos séculos XV e XVII, especialmente sob a influência da cultura antiga então em voga.

<sup>24</sup> DRÉYFUS, J. ( op cit ); Documento FUNARTE ( 1981 )



os nomes catalogados na “memória do ofício da renda renascença”<sup>25</sup> na cidade de Camalaú – PB, podemos destacar: *vassourinha, xerém, pilão, laço, torre, arroz, cocada de três, amor seguro com pipoca, aranha, lua, besouro, mosca, caramujo, amarrados com flor, raios de sol*; só para citar alguns<sup>26</sup>.

Na feitura da renda renascença encontram-se diferenças entre as produzidas em Pernambuco e as produzidas em Sergipe. A matéria – prima empregada em Sergipe é o lacê de seda, de forma cilíndrica e roliça – o sutache; em Pernambuco o lacê é de algodão, de forma achatada, como uma fita – o fitilho.

## 2.2. A Renda Renascença em Pernambuco e na Paraíba

Data dos primórdios coloniais – século XVI – a introdução, pelos portugueses, dos trabalhos com linha e agulha no Brasil. No Nordeste, esse artesanato se estabeleceu com maior frequência na zona litorânea, juntamente com a cultura da pesca, fato, aliás, ligado à renda em geral; justificando a máxima “onde há redes, há rendas”. Uma outra modalidade de renda – a renda de bilros<sup>27</sup> – chegou ao Brasil, via colonização ibérica. As mulheres lusitanas que acompanhavam os maridos ao novo mundo, trouxeram essa arte que era muito difundida no continente europeu e na Ilha da Madeira. Portugal é, ainda hoje, grande referência nessa modalidade de renda, cuja ocorrência é maior nas cidades litorâneas de Viana do Castelo, Peniche e Vila do Conde. Nesta última, possuindo um museu e uma escola.

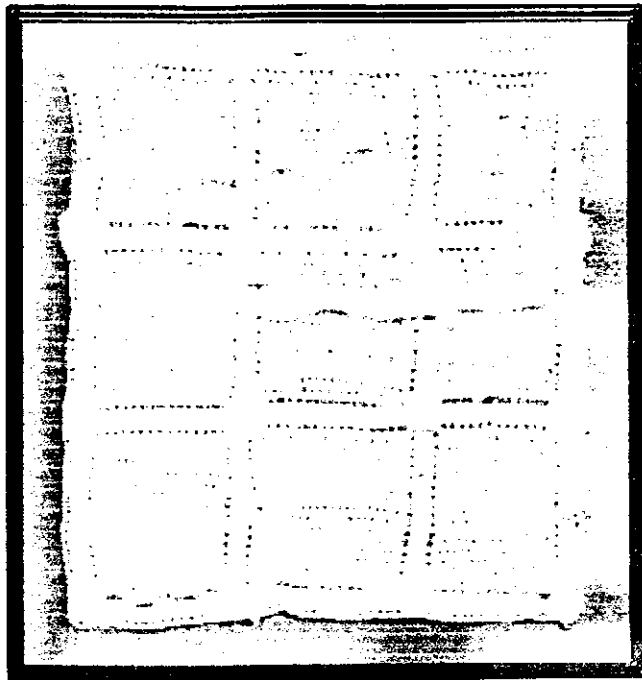
A renda renascença foge a essa regra e se localiza mais em áreas interioranas. No agreste pernambucano tem seu início datado em época mais recente, 1935, e está ligado a história pessoal de uma jovem, Maria Pastora. Ela aprendeu a render no colégio Santa Tereza,

<sup>25</sup> Mais adiante ao falar da escola explicarei o termo.

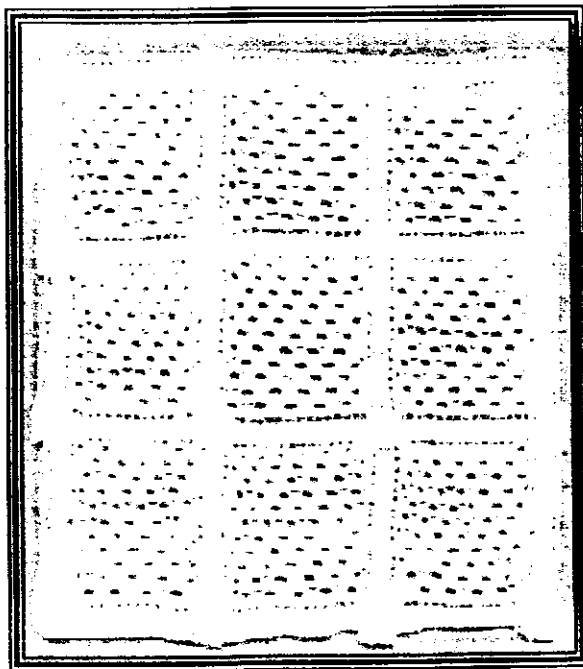
<sup>26</sup> Conferir figuras de 02 a 11.

<sup>27</sup> A renda de bilros é tecida, como o nome indica, com os bilros – pequenas bobinas de madeira – numa base de papelão picado, também chamado “pique”, afixado a uma almofada cilíndrica por meio de alfinetes ou espinhos. Esta renda diferencia-se das rendas de agulha, fundamentalmente, pelo fato de as últimas serem trabalhadas com um único fio e uma agulha de coser e as rendas de bilro executam-se com um número ilimitado de fios enrolados em bilros.

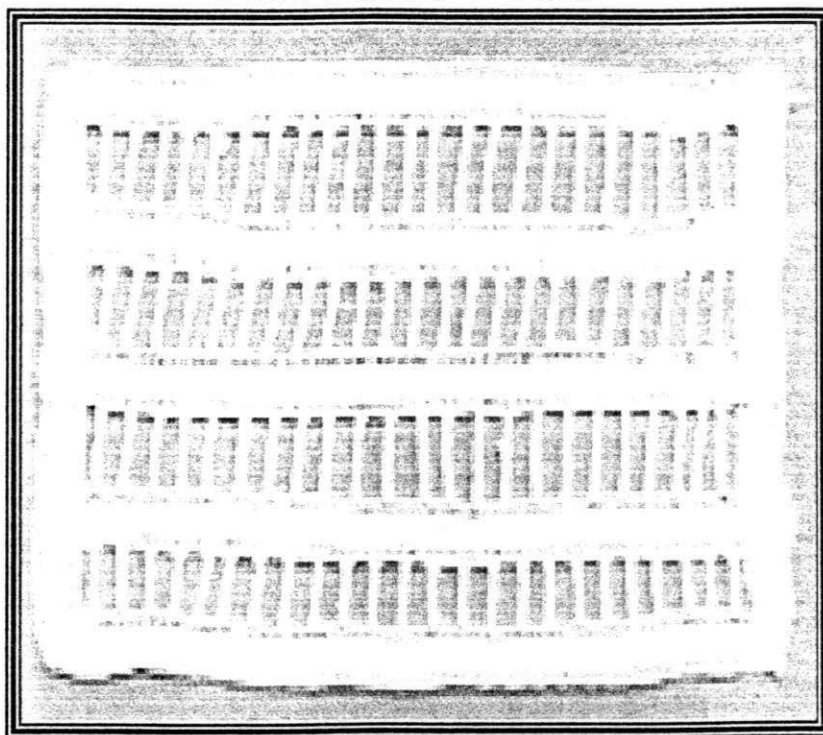
## 2. Ponto de meia



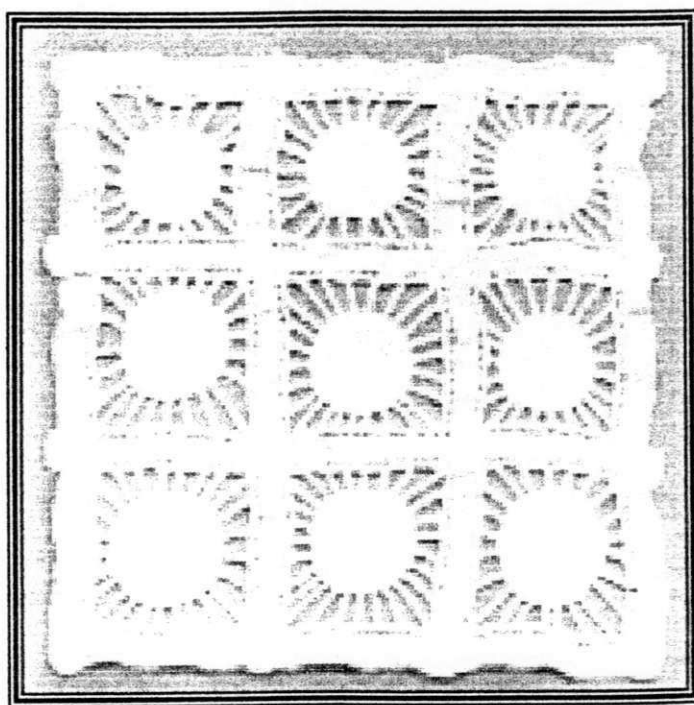
## 3. Esteirinha



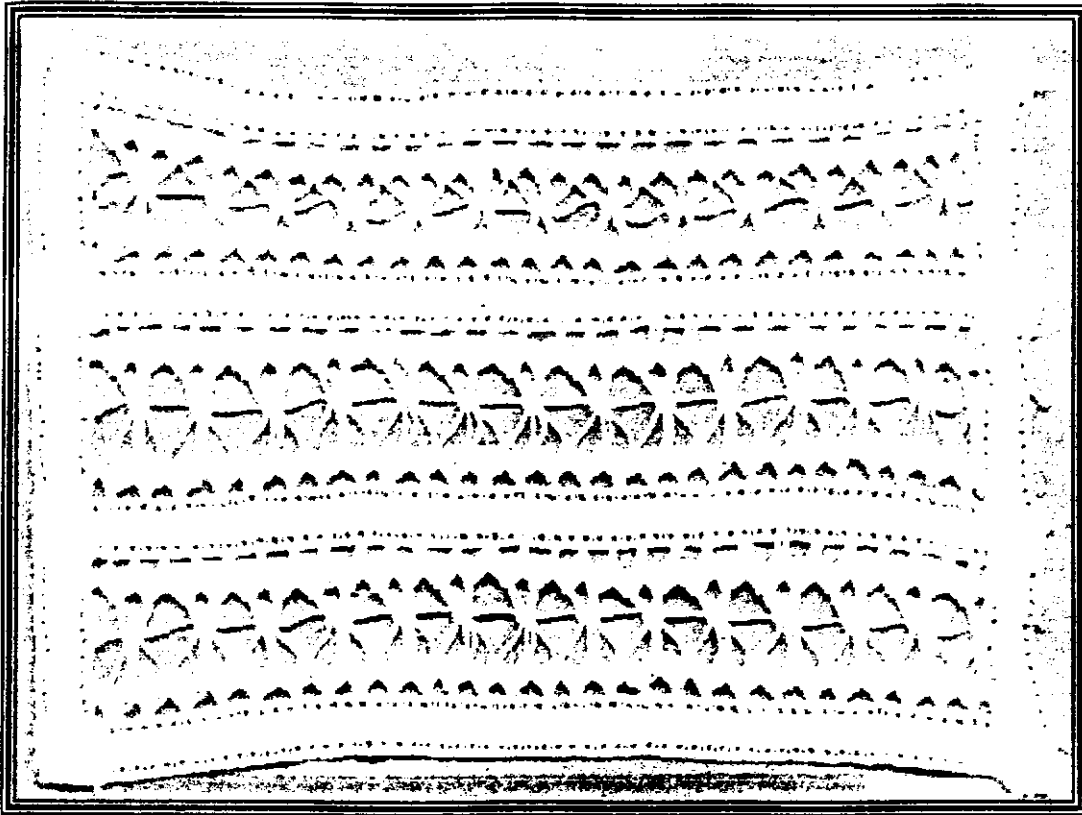
# 4. Richilieu



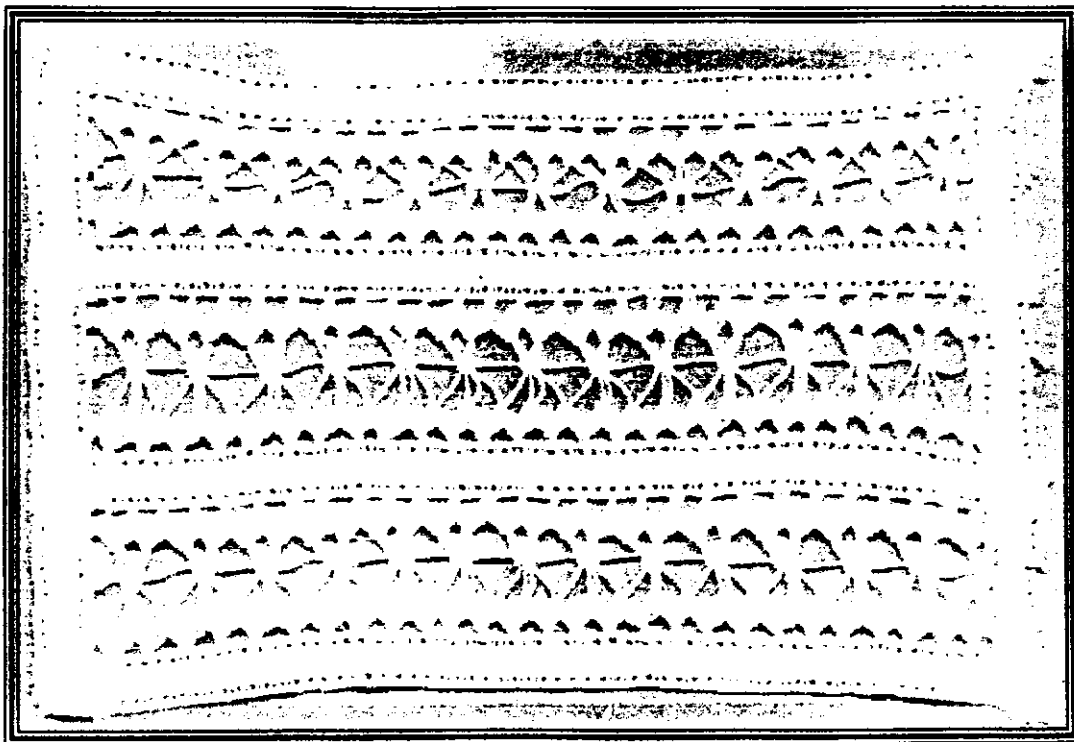
# 5. Aranha torcida



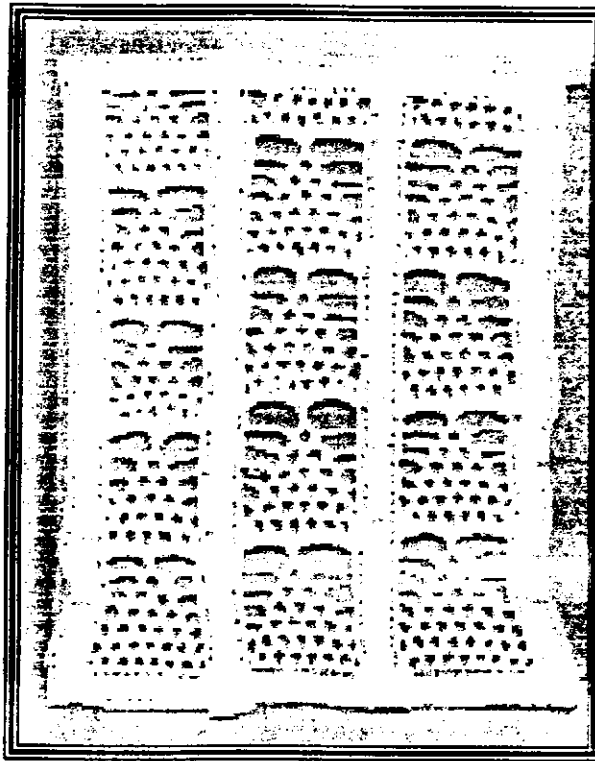
## 6. Sianinha amarrada



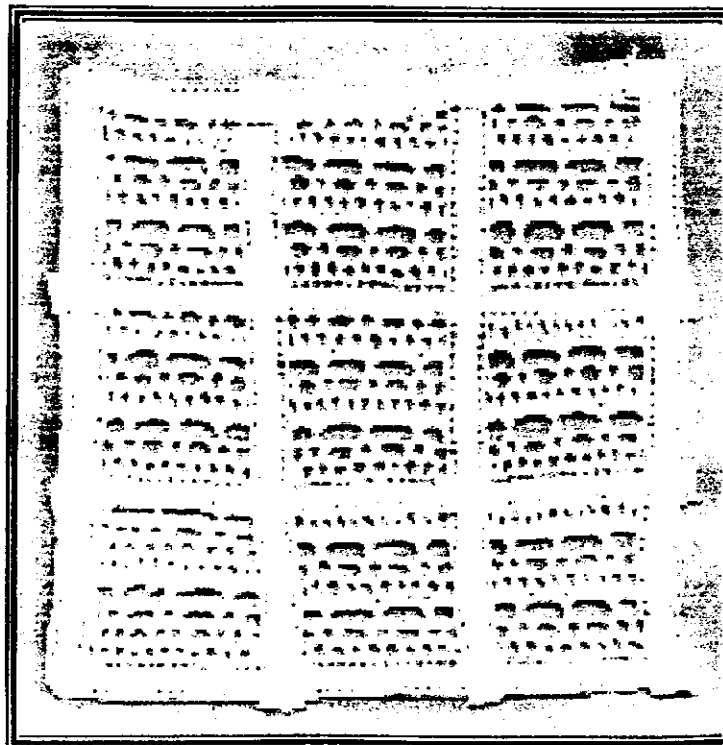
## 7. Sianinha simples



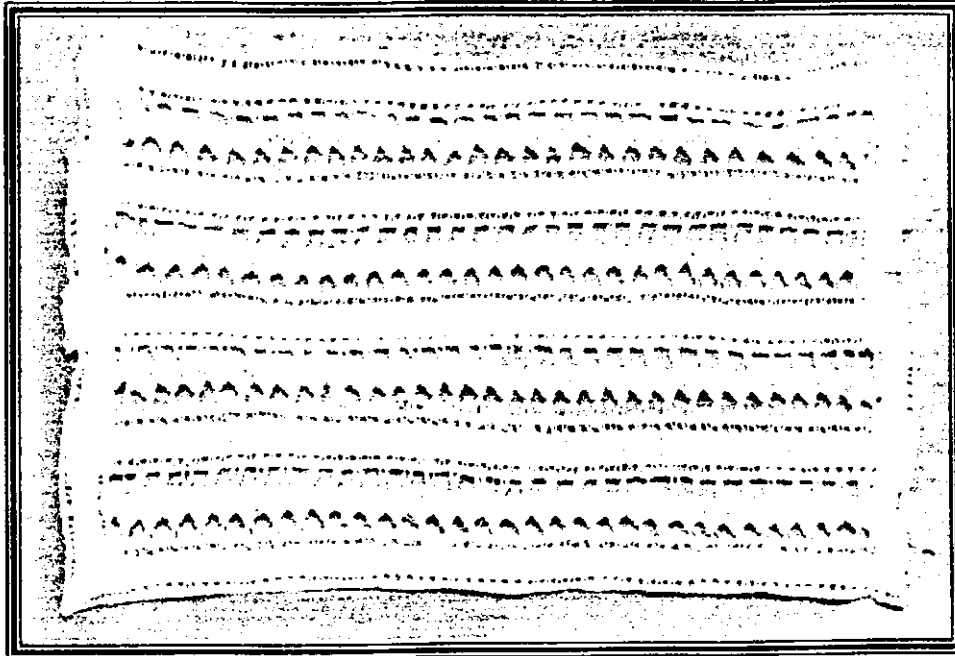
# 8. Torre



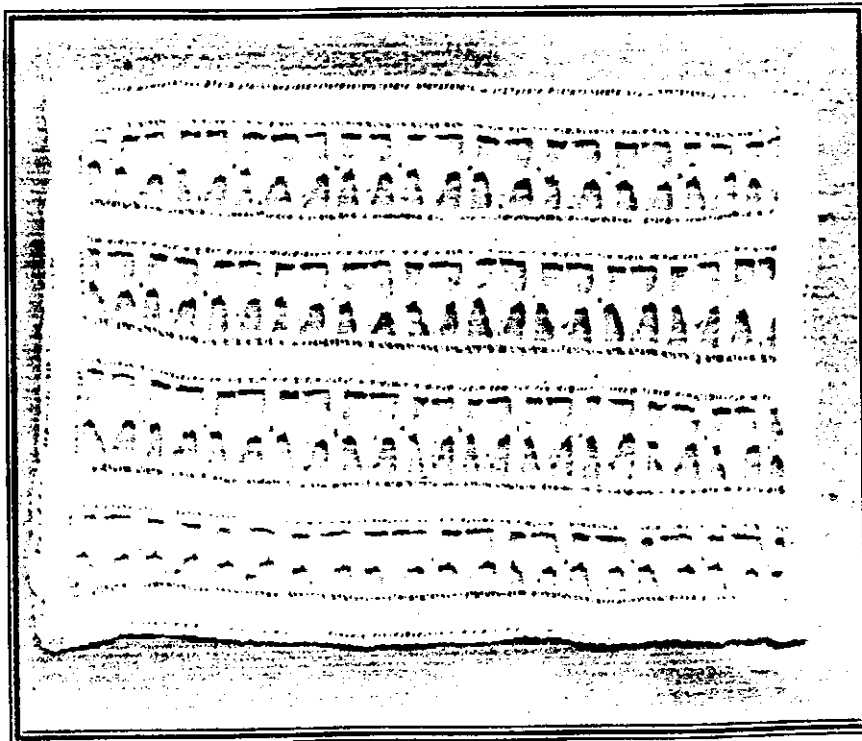
# 9. Abacaxi de 03



# 10. Sianinha de uma



# 11. Besouro



em Olinda – PE, onde trabalhava como empregada doméstica. As freiras européias que ensinavam a atividade às moças da alta sociedade de Recife e Olinda que ali estudavam, exigiam uma certa exclusividade do ensino da renda renascença. Exclusividade desta natureza caracteriza também as primeiras corporações<sup>28</sup> que primavam pelos segredos do ofício; o que redundou num mistério no que diz respeito às formas pedagógico-didáticas das corporações. As circunstâncias em que se trabalhava e se aprendia, favoreciam o segredo, principalmente pelo uso da tradição oral ou intuitivo-gestual nas artes mecânicas, usando expressões do tipo: “olha como eu faço”<sup>29</sup>.

Conta-se que, ao regressar a sua terra natal – Poção, Agreste pernambucano – Maria Pastora ensinou a atividade a uma amiga por nome Elza, também conhecida por Lala. Se mostrando interessada e apta ao trabalho da renda Lala, no início de 1940, começou a ensinar a outras mulheres da localidade os “segredos” da renda renascença<sup>30</sup>. Ainda hoje é possível encontrar, em Poção, ex – alunas de Lala, como é o caso de dona Menininha, (64) que aprendeu a render aos 12 anos.

*“Começou que, quando eu tinha 12 anos então Lala arrumou uma casa, procurou as pessoas que queriam trabalhar e a gente foi trabalhar lá com ela (...) Lala aprendeu com Maria Pastora, essa Maria Pastora aprendeu no colégio Santa Tereza no Recife, chegou aqui com a família dela que morava aqui, ensinou a Lala e ela botou essa escola e ensinou a gente”. (Dona Menininha, 64 anos, Poção – PE).*

Consoante com essa circunstância, são apontados outros fatores de ordem econômica e social que, juntos, criaram as condições para a chegada da renda na região. Segundo o estudo realizado sobre o artesanato das rendeiras de renascença no agreste

<sup>28</sup> Termo que designa em geral as associações de artesãos e mercadores que na Europa tomarão forte desenvolvimento e o mesmo poder do século XII para chegar a máxima hegemonia no século XIV e depois decair até a sua legal supressão ocorrida nos diversos estados europeus entre o fim do século XVII e o início do século XIX. (RUGIU, 1998)

<sup>29</sup> RUGIU, (op cit)

<sup>30</sup> RIETVELO, Pe. João Jorge. (1995); LIMA, Antônio Aquilino de Macedo (1982); e OSORIO, Carlos (1983)

pernambucano, a renascença representa uma força de fixação da população local. Em sentido contrário, as modificações nas relações de produção e nos processos de trabalho da agricultura da região, através da pecuarização, - onde as lavouras perdem espaço para a pecuária - expulsam a população agrestina. Para compreender melhor essas transformações, podemos recorrer a um estudo que busca analisar as relações de trabalho e as estratégias utilizadas pelas famílias de pequenos produtores rurais, para garantir sua sobrevivência. Em um de seus estudos, Menezes (1993:22-23) considera que, com a pecuarização, acontecem várias mudanças que afetarão as condições de trabalho e de vida do pequeno produtor. As mudanças principais são: *“o aumento das pastagens plantadas se expandindo sobre as terras do roçado: a substituição da “renda em produto” pela “renda em assentamento do capim”;* *a utilização do morador em algumas atividades específicas da pecuária, sendo obrigado a aceitar trabalhos inferiores aos de outros trabalhadores”*. Esse fator é responsável, de um lado, pela emigração da população masculina e, de outro, pela expansão da oferta de mão - de - obra para atividades não agrícolas, entre as quais a renascença.<sup>31</sup>

### 2.3. A Transmissão do Saber – Fazer

O processo pedagógico de iniciação das mulheres, no mundo da renascença, acompanha a iniciação ocorrida em outras atividades como o trabalho na terra e na casa. Há uma certa naturalização do ensino entre as pessoas de Camalaú. É uma cena comum no cotidiano das mulheres e homens do lugar e das cidades circunvizinhas que formam o “circuito da renda renascença”, a imagem da mulher rendeira. Uma visão que causa impacto, para quem chega à cidade, é a quantidade de mulheres, das mais variadas idades, sentadas nas calçadas em pequenos grupos com suas almofadas no colo, fazendo renda. Essa imagem está impressa na memória da gente do lugar, cuja história se confunde com a história da renda renascença na

---

<sup>31</sup> OSÓRIO, Carlos ( op cit)



cidade. Nesse contexto, a transmissão do saber – fazer se dá em dois espaços distintos, a casa e a escola.

### **2.3.1. O Espaço da Casa**

O aprendizado que acontece no espaço da casa se caracteriza pela informalidade, pela ausência de rigor nos horários e nas técnicas. A aprendizagem ocorre num processo em que uma pessoa interessada aprende com aquela que já domina a técnica, sem que haja nenhum pagamento pelo aprendizado. Fazendo um recorte temporal entre as rendeiras mais jovens e as mais velhas, devemos considerar algumas diferenças importantes no aprendizado. Entre as rendeiras cujo tempo na renda varia entre 40 e 54 anos, o aprendizado ocorreu através de vizinhas, primas ou amigas. Isso se deve, principalmente, ao fato dessa atividade ser recente na região, explicando a fato de as rendeiras mais antigas não terem aprendido com suas mães e avós. Já entre as rendeiras mais jovens, o aprendizado está marcado pela presença das mães e avós rendeiras, no seu cotidiano.



**Figura 12: Três gerações de rendeiras de uma mesma família**

**Fonte: Pesquisa Direta – Junho 2001**

A transmissão do saber – fazer da renda renascença de mãe para filhas e netas acontece num espaço onde ocorrem atividades múltiplas, atividades comuns do dia – a – dia como o preparo de comidas, a arrumação da casa, a lavagem da roupa. Isso ocorre porque existe uma divisão social do trabalho na própria feitura da renda, na qual o tempo dedicado ao trabalho é organizado de forma não disciplinar. Normalmente, após a refeição do meio – dia, as mulheres se reúnem nas salas ou nas calçadas das casas para rendar. Nesses momentos as crianças se misturam entre elas, ora brincando de bonecas, ora brincando de fazer renda e vão tendo as primeiras noções sobre a feitura da renda. Essa iniciação ocorre entre as idades de seis e 12 anos e é acompanhada por um misto de xingamentos e elogios como o é, normalmente, o que se aprende no espaço doméstico.



**Figura 13 Criança de oito anos aprendendo a render**

Fonte: Pesquisa Direta – Junho 2001

Para ilustrar esse ponto, podemos recompor a trajetória de três gerações de rendeiras de uma mesma família, cujas histórias podem ser emblemáticas para pensar como se instaura a iniciação no mundo da renda. Portanto, faremos uso das histórias de dona Maria José (avó); Luciana (filha); e Cacau (neta); que nos falam de suas experiências.

A matriarca da família, dona Maria José, mulher de 54 anos, nos diz, sobre sua iniciação na renda renascença, o seguinte:

*“Eu aprendi a fazer renda com minha colega quando eu tinha uns nove ano mais ou meno. Aí eu fui criada com meu avô e ele era lavrador de algodão. Aí eu apanhava algodão até mei – dia, aí meu avô me pagava até mais pelo algodão, né? Aí eu corria e ia comprar fita ( que era fita num era lace que num existia), fita e um novelinho de linha. Aí eu ia pra casa de minhas colega pra elas me ensinar.”*

Como o depoimento demonstra, dona Maria José não aprendeu em sua casa, mas na casa de uma colega. Fato comum, pois, como já foi referido anteriormente, as rendeiras

mais velhas não aprenderam em casa. Com suas filhas já ocorreu diferente, pois foi dona Maria quem lhes ensinou os segredos da renascença. Segundo o depoimento de Luciana, 36 anos, filha de dona Maria, seu aprendizado foi marcado por uma circunstância bastante peculiar.

*“(...) aí, quando eu tinha oito ano, aí eu peguei sarampo e eu era danada, num queria ficar dentro de casa, nem na cama: e mãe brigava com eu e num tinha jeito de obedecer. Aí mãe pegou e fez um rolim e me deu a renascença pra eu fazer. Desse dia pra cá eu nunca mais deixei de fazer renascença”.*

O fato de Luciana ter aprendido a render, a partir de uma estratégia utilizada por sua mãe, para obrigá-la a guardar o repouso requerido pela doença, nos mostra, de forma simples, como a atividade da renda faz parte da vida da gente do lugar.

Conversando com Cacau, menina de doze anos, filha de Luciana e neta de dona Maria José, é possível perceber o quanto o ato de aprender está ligado à presença da mãe.

*“Eu via mãe trabalhar e tinha vontade de aprender também. Aí eu olhava e fazia também”.*

Segundo Luciana, mãe de Cacau, as crianças aprendem brincando. Todas as suas filhas, três ao todo, passaram pela mesma experiência.

*“A renascença começa como uma brincadeira. Chega uma criança aí diz: - Mãe, eu quero fazer renascença também. Aí eu pego, faço aquele rolinho, entrego uma agulha com uma linha. Quer dizer, ali ta brincando e acha que ta trabalhando, né? A muleca, a minha de seis ano, ela já sabe pegar na agulha do jeito certo. As vez num passa nem na linha, é sacudindo a agulha... o jeitinho de pegar, né? Eu acho que a pessoa prá fazer um trabalho, tendo vontade, já é tudo.”*

Ao entrar na conversa, em socorro da filha de poucas palavras, Luciana reforça a idéia da importância da presença da mãe no aprendizado. As mães e avós exercem um certo

“controle”, ainda que guardando um certo distanciamento, do aprendiz. Mesmo com toda informalidade que cerca os primeiros passos na renda: para elas é possível saber se as filhas ou netas estão pegando na agulha de forma correta, se são atenciosas e cuidadosas em fazer os pontos corretamente, enfim, se demonstram habilidade para o ofício.

Em um outro caso de três gerações de rendeiras de uma mesma família, encontrado na cidade de Camalaú, podemos ver algumas semelhanças com o anteriormente relatado. Maria Clenilda, 32 anos, aprendeu a render aos seis anos, brincando com o travesseiro, também observando a mãe. Ela nos conta que chegou a furar a testa várias vezes, pois utilizava uma agulha muito grande. Maria Clenilda tem uma filha de 12 anos, Maria Catiane, que faz renda desde os oito anos. Maria Clenilda, ao contrário de Luciana, diz que não incentiva a filha a fazer renda tendo chegado, inclusive, a bater nela várias vezes porque, na intenção de aprender, acabava por atrapalhar o seu serviço.

Percebe-se que a forma mais comum de aprendizado é através da observação. Nesse momento é importante atentar para as dificuldades que são próprias do ensino de uma tarefa como o render. Não é falando sobre “como se faz”, ou teorizando sobre o fazer, que esse conhecimento é passado mas, através da observação, do olhar. No geral, as mães não reservam um tempo para ensinar as filhas, elas dizem que “quem é esperto aprende olhando”<sup>32</sup>. Nesse ponto considero pertinente aludir à correlação mãe-filha / mestre-aprendiz. Para tanto se faz necessário remontar ao século XIV, e atentar para como o aprendizado se configurava. É provável que o aprendiz, no século XIV, deva parte do seu aprendizado às suas capacidades individuais de adivinhar, induzir, deduzir e concatenar por iniciativa própria. Nestas circunstâncias, os mais dotados aprendiam além do que era ensinado. Nos casos em que o aprendiz se hospedava na casa do mestre o aprendizado incluía, além dos trabalhos mecânicos,

---

<sup>32</sup> Acho importante ressaltar que uma das dificuldades que envolveram a minha observação do aprendizado, que se dá no espaço da casa, é o fato de que minha presença cobre de “artificialidade” uma atividade tão comum no cotidiano das mulheres rendeiras. Já no espaço da escola isso é menos sentido uma vez que, a própria escola já é um espaço criado para a aprendizagem.

a apreensão das experiências vivenciadas no espaço doméstico.<sup>33</sup> Nesses termos, o espaço da casa pressupõe um lugar de aprendizado multifacetado em cuja ambiência se desenvolvem relações afetivas e efetivas.

---

<sup>33</sup> RUGIO (op cit)

### 2.3.2. O Espaço da Escola

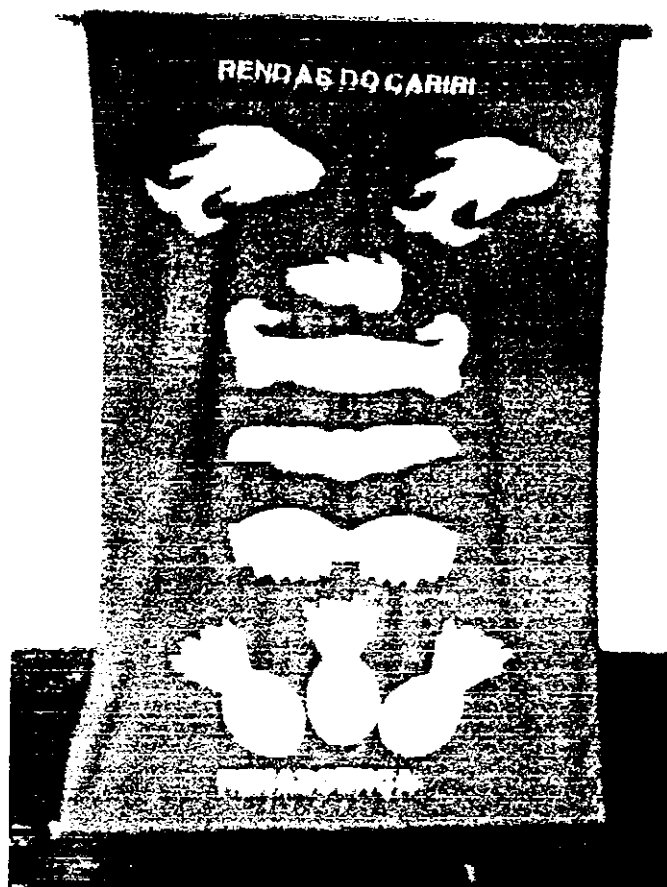


Figura 14: Flâmula Rendas do Cariri – Exposta na entrada da escola

Fonte: Pesquisa Direta – Junho/ 2001

A transmissão do saber-fazer que acontece no espaço da escola, guarda grandes diferenças quando comparada a transmissão que acontece no espaço da casa. Em Camalaú funciona a **Oficina Escola de Rendeiras de Camalaú** que foi criada, segundo seus organizadores, com o objetivo de capacitar jovens e adolescentes filhas de rendeiras na arte da renda renascença. Fundada pelo **PARAIWA – Coletivo de Assessoria e Documentação** -, e o **SEBRAE** da Paraíba, através do Programa de Artesanato, a escola conta com o apoio de duas Prefeituras Municipais a de Monteiro e a de Camalaú; e do **Clube de Mães de Camalaú**. Até o momento da pesquisa de campo, a escola contava com quatro mestras (professoras da rede pública municipal, com conhecimento de renda renascença) e 3 instrutoras (rendeiras

capacitadas pelo projeto). A escola está no terceiro semestre de funcionamento e trabalha, a cada semestre, com uma turma de 20 alunas. Os pré-requisitos exigidos, para entrar na escola, são: ter entre 12 e 18 anos e estar regularmente matriculada na rede de ensino público municipal. Para as alunas, o programa oferece, além da capacitação na renda renascença, reforço escolar com acompanhamento pedagógico, palestras multidisciplinares com convidados -- que visam, entre outras coisas, trabalhar a auto-estima das alunas --, recreação, merenda e um auxílio bolsa de 20 reais. Ao término do semestre, as alunas deverão confeccionar seu "diploma", que consiste na Memória do Ofício da Renda Renascença. Essa Memória compreende a feitura de pequenas amostras que contemplem todos os pontos coletados e ensinados pela escola.

O trabalho de resgate dos pontos da renda renascença, através da Memória do Ofício, possibilita resguardar os pontos, livrando-os do desaparecimento completo. Segundo Luciana, (36) rendeira e instrutora da escola: *"Antes de chegar a idéia da Memória os pontos se perdiam, a gente se esquecia. Eu mesmo tenho que fazer uma Memória pra mim."*

Quando conversamos com as rendeiras mais velhas, elas costumam dizer que sabem muitos pontos, mas que preferem trabalhar com alguns poucos -- *traça, rechilieu e dois amarrados* --, pois consideram que não vale a pena *"por que, pra fazer renascença de graça, num adianta fazer os pontos que a gente sabe não."* Dona Lurdinha, 53 anos, diz sobre a viabilidade de fazer uso de uma grande quantidade de pontos, o seguinte:

*"Eu sei fazer muito ponto mas, o negócio, é que num adianta. Eu só faço três pontos em serviço meu, é o que todo mundo aqui faz. A gente num pode fazer sozinha, custa muito... Aí faz daquele jeito, aqueles pontos que todo mundo sabe."*

O resgate dos pontos viabiliza, então, a recuperação da tradição. É importante atentar, nesse ponto, para o fato de a escola incentivar o retorno à tradição, ou à sua "reinvenção" a partir de uma preocupação centrada no comércio.



Pautada na idéia de criação, apropriação e conservação da tradição,<sup>34</sup> é possível pensar a prática da escola no tocante ao “resgate da tradição” via *memória do ofício da renda renascença*, como uma tentativa de articular a tradição – através da catalogação e ensino dos pontos já fora de uso pela maioria das rendeiras – e o comércio, uma vez que, quanto mais se tornam aparentes os aspectos do tradicional, remetendo a um modo de vida simples, a uma natureza nostálgica, maior apelo comercial tem a renda. Ou seja, penso ser possível dizer que há uma certa instrumentalização da tradição, tendo em vista o tipo de renda que tenha maior aceitação. Ainda dentro dessa perspectiva, é importante por em relevo o fato de que, ao mesmo tempo em que busca o resgate da tradição, a escola procura modernizar o produto tornando-o mais comercializável, quando propõe a utilização de panos feitos com muito linho e pouca renda. Tratando de como ocorre esse duplo movimento, permanência do tradicional e agregação do moderno, Canclini (1983:67) considera que, à essa idéia de coexistência do antigo com o moderno, subjaz a idéia de se ter superado o atraso conservando sua beleza. Essa alteração nos elementos que, tradicionalmente, estão presentes nas peças de renda renascença, é uma forma de levar ao mercado um novo produto mais afeito ao gosto do consumidor.

Procurando adaptar o produto às exigências do mercado, a escola dá ênfase curricular ao conceito de qualidade nas técnicas de alinhavo, pontos e desenhos da renda renascença. Alguns desenhos são exclusivos da escola, havendo a orientação de que eles não sejam repassados nem copiados para outras rendeiras. Com essa exclusividade, a escola pretende criar a marca *Rendas do Cariri – produtos socialmente corretos--* e uma franquia para a marca.

---

<sup>34</sup> . Em análise sobre as práticas do evento junino, em sua versão urbanizada na cidade de Campina Grande, Lima (2002:23), considera que: “A idéia de tradição da festa junina, ao ser inventada na cidade, não só serve de instrumento de legitimação e instituição do evento, como sustenta-se e reproduz-se por uma articulada tríade que denomino de criação, apropriação e conservação da tradição, na qual discursos e práticas revivem na cidade o ‘São João dos antepassados’, ao mesmo tempo em que inserem a figura do ‘novo’ nas imagens da festa, mas que conservam e cartografam os elementos do ‘antigo’ convivendo de maneira harmônica com os fantasmas e com as fantasias que a festa promete.”



**Figura 15: Aluna da escola aprendendo a pregar o jacê.**

**Fonte: Pesquisa Direta – Junho 2001**

A inovação na tradição do artesanato local, trazida pela escola, articula-se com a necessidade de atingir um mercado consumidor diferenciado, vinculado ao turismo nacional e internacional. Nesse sentido, têm sido experimentadas outras peças, tais como: soutiens e calcinhas, guardanapos, jogos americanos; utilizando os riscos e desenhos exclusivos. Uma das encomendas feitas à escola é uma cortina para o governador do Ceará, que tem mobilizado as melhores rendeiras da região.

Nesse ponto considero pertinente aludir ao trabalho do professor Rodrigo de Azeredo<sup>35</sup> que, ao estudar a articulação entre artesanato e construção étnica entre os índios Pataxó, chama atenção para o “processo de kitschização” no desenvolvimento do artesanato da Coroa Vermelha. Isso acontece porque a “produção artística se destina essencialmente à venda, perdendo sua função tradicional.”

O fato de, em Camalaú, a escola buscar adaptar as peças, buscando atender ao gosto dos turistas, aponta nessa direção. No entanto, é necessário que sejam salientadas algumas diferenças entre o artesanato Pataxó e o da renda renascença em Camalaú. O

---

<sup>35</sup> In: Os Índios do Descobrimento – tradição e turismo

artesanato Pataxó tem uma tradição comercial e uma tradição étnica, ou seja, tem um componente de utilidade para os artesãos que fabricam, para seu uso: canoas, arcos, flechas e gamelas de banho. Em Camalaú, como já foi referido anteriormente, a renda renascença não tem utilidade doméstica para as mulheres rendeiras uma vez que as peças são produzidas para serem vendidas. Em que pese o fato do artesanato ser parte da tradição da família camponesa, que se orienta por uma autonomia na produção dos bens de consumo, a utilização da renda para consumo próprio não foi encontrada entre as artesãs de Camalaú, nem mesmo na confecção de enxovais,<sup>36</sup> como se é possível encontrar em outros casos de rendeiras, bordadeiras e outros (as) artesãos (ãs).

Um outro ponto que marca as diferenças entre o aprendizado nos espaços da casa e da escola é que, se para quem aprende em casa não é possível se habilitar em todas as fases do processo de produção da renda,<sup>37</sup> na escola, pretende-se que suas alunas sejam capacitadas em todas as fases do processo por acreditar que esse seja um fator de libertação dos atravessadores<sup>38</sup>

As atividades desenvolvidas na escola são organizadas atendendo a um horário específico – das 07 às 11hs. O primeiro horário, das 07 às 08 horas, é dedicado ao reforço escolar. Das 08 às 11 horas as alunas dividem o tempo com a atividade da renda e a merenda. A disciplinarização do tempo, fator que caracteriza o aprendizado no espaço da escola, faz com que a atividade da renda perca mais do seu caráter “amador” e ganhe aspectos de “profissional”. Fatores como a disposição dos móveis e utensílios, a presença das professoras e instrutoras, que diferenciam os dois espaços de aprendizagem – casa e escola – interferem na forma como as alunas representam os dois espaços.

É provável que o fato de sair de casa para aprender a atividade da renda em um outro espaço, um espaço pensado e construído para ensinar e aprender, permita, a essas jovens

---

<sup>36</sup> Ente as labirinteiras da Chã dos Pereira, estudadas por Gonçalves (op cit), foi encontrada a utilização da renda nos enxovais.

<sup>37</sup> Durante a pesquisa de campo, não foi constatado nenhum caso onde as mães ou avós ensinem as suas filhas e netas todas as etapas da produção da renda renascença. Desenvolverei melhor esse ponto capítulo III

<sup>38</sup> Sobre a relação das rendeiras com os atravessadores descreverei no capítulo IV

rendeiras, ter mais esperanças quanto ao seu futuro profissional. A escola passa a representar uma possibilidade mais concreta de trabalho remunerado. Aliado a esse fator a escola paga 10,00 reais por *novelo desmanchado* nas encomendas feitas por ela, enquanto, pelas encomendas feitas fora da escola, só se pagam 5,00 reais por *novelo desmanchado*.

No momento, está sendo formada a terceira turma de alunas da escola que, no momento, enfrenta dificuldades financeiras e de gerenciamento. Procuramos então avaliar, junto a professoras e ex-alunas, como se encontra a escola, atualmente, do ponto de vista dos resultados obtidos. Uma das professoras nos oferece o seguinte depoimento:

*“O projeto tá caminhando, já deu os primeiros passos, mas ainda não decolou direito, inda não. E, dentro do projeto, a idéia que nem morreu nem vai morrer, é que a gente trabalhe várias linhas. Além da questão fundamental que é o resgate, é trabalhar a auto – estima... Eu digo que não decolou direito por que você sabe, é muito difícil mudar a mentalidade das pessoas, conscientizar pessoas que estão acostumadas a um processo de muitos anos... A gente ainda tá naquela fase de trabalhar a auto –estima, mostrar pra elas o valor que elas e que a renda têm. Mas a gente vai trabalhar várias linhas como tá no projeto – soutien, calcinhas, shorts, calças, artigos pra noivas – que é uma linha que ninguém nunca se preocupou em trabalhar; mudar também, sair um pouco do desenho tradicional e criar novas peças. Nós trabalhamos muito jogo americano com frutas – caju, maçã e banana. A primeira experiência que eu tive com essas peça foi em Natal e, depois, no Shopping em Campina Grande. Eu vou ser Sincera: eu num senti assim que as pessoas tenham gostado muito não. Eu não sei se é porque é uma peça que leva pouca renda... Porque um dos objetivos da oficina é que se coloque mais tecido do que renda, porque quanto mais renda tiver na peça, mais ela encarece. Não sei talvez seja porque é novo, não é? Acho também que não houve pesquisa de mercado suficiente e também não houve contatos com lojas pra gente já produzir no certo...” ( Nita, professora e primeira coordenadora da escola )*

Esse depoimento evidencia algumas debilidades da Oficina Escola e, põe em relevo um dos papéis, provavelmente o que o seu idealizador menos queira realçar, que é o papel que a escola tem como “atravessadora”. Além disso, ao falar em “linha”, Nita demonstra a

incorporação de uma classificação que vem do mercado, trazida pelo idealizador da escola. Ao falar em auto-estima, a depoente faz referência ao discurso trazido pelo coordenador do Projeto, que procura imprimir nas alunas e professoras da escola, a idéia de que a renda confeccionada por elas tem valor, e que, em última instância, deve ser incorporada uma mentalidade de valorização monetária do seu produto na relação com o mercado. Podemos, ainda vislumbrar, na fala de Nita, o esboço de uma crítica sobre a falta de percepção para o mercado devido a falta de uma pesquisa de mercado eficiente, que desse conta de averiguar a aceitação dos novos produtos. Há uma preocupação por parte de algumas rendeiras, entre elas algumas professoras da escola, em conhecer novos mercados. Muitas delas alimentam a esperança de conseguir, com os próprios meios, comercializar o seu produto em outras praças. Essa possibilidade passou a parecer mais próxima delas após algumas conversas que tivemos sobre os preços efetuados nas lojas de artesanato visitadas por nós. Numa ocasião em que falávamos sobre as lojas de Recife, fui convidada a acompanhá-las em uma visita, já que eu tinha mais “conhecimento” e poderia ajudá-las em uma espécie de *turnée* por algumas lojas na capital pernambucana.

Conversando com uma das ex- alunas da primeira turma, Tininha, 14 anos, que, segundo as professoras e instrutoras, é a mais caprichosa, ela me disse que “*não vale a pena trabalhar na renda não, porque se ganha muito pouco*”. No momento, ela está trabalhando como empregada doméstica e ganha 40,00 reais por mês. Enquanto esteve ligada à escola, Tininha trabalhou na cortina do governador e foi premiada com uma viagem a Fortaleza, como prêmio pela sua rapidez e capricho.

Esse depoimento demonstra uma falta de continuidade nas atividades da escola. Talvez, além de ensinar o ofício, sejam necessários um assessoramento e um incentivo que ajudem as alunas egressas a se firmarem em seu ofício. Por outro lado, a desvalorização sofrida pela renda, no mercado, talvez venha a servir como um desestímulo para a permanência dessas mulheres no ofício.

## 2.4. Renda e qualidade

Entre as rendeiras de Camalaú, é comum a preocupação com a qualidade da renda. Uma das vendedoras de renda do lugar, dona Nita, faz a seguinte diferenciação quanto à qualificação (representação, aliás, recorrente entre as rendeiras):

- De 1ª qualidade – aquelas que não fazem renda, “pra comer”. Estas mulheres chegam a receber até 7,00 reais por novelo desmanchado, possuem, em geral, uma vendinha em casa e conseguem diversificar um pouco suas fontes de renda:
- De 2ª qualidade – são necessitadas, mas caprichosas. Nessa categoria se encontram as mulheres que têm na renda, a base da sua sobrevivência, mas se esmeram para fazer um bom trabalho:
- De 3ª qualidade – tarrafeiras, mulheres miseráveis que fazem a renda de “qualquer jeito” e por “qualquer preço”. Elas aceitam até 4,00 reais para desmanchar um novelo e são apontadas como “labrojeiras”, alvo da “caridade” de algumas atravessadoras do lugar.

Há outras representações interessantes sobre a qualidade como a das labirinteiras<sup>39</sup> da Chã dos Pereira (Ingá – PB), onde a principal distinção que se opera nesse sentido, diz respeito às categorias **trabalho caprichado e trabalho relaxado**. Essas rendeiras associam o trabalho relaxado à ligeireza, à preocupação de produzir um maior número de peças

---

<sup>39</sup> O labirinto é um tipo de bordado e renda. Supõe a existência de um tecido que será desfiado e novamente tecido, segundo os motivos ou desenhos que se desejarem.

em menor tempo. O trabalho caprichado, ao contrário, está associado ao zelo e à competência.<sup>40</sup>

Entre os artesãos da arte do ouro, em Juazeiro do Norte (CE), Essa diferenciação é expressa pela oposição, “artista” x “bombeiro”. O “bombeiro” é o artesão que faz um trabalho mal feito, enquanto o “artista”, é aquele que sabe fazer a peça bem feita.

Em Camalaú, a qualidade nem sempre está ligada ao saber-fazer. Por vezes o que é ressaltado pelas rendeiras, é que não vale a pena ter mais trabalho quando o que é pago pelo mesmo não reflete um reconhecimento do esforço delas.

*“Num adianta fazer. Se a gente faz bem feito a peça outra ali faz mal feito. E se a gente for vender aquela peça ali, aquele mal feito vende pelo mesmo preço e, as vez, até vende por mais. Ai o desgosto que dá é esse. Eu sei, eu sei fazer um trabalho bom, mas num adianta, pelo preço do serviço num adianta. “Pelo preço que paga o mal feito, paga o bem feito”. (Dona Lurdinha, 53 anos)*

É fato que todas as peças são vendidas e que as de melhor qualidade nem sempre são valorizadas, à altura, quando se trata de repassar um melhor preço à rendeira. Talvez por isso poucas se preocupem em se esmerar no seu ofício.

É interessante observar que essa questão da qualidade “esconde” muitas facetas. Segundo dona Magdala (50), uma bem sucedida comerciante de rendas de Poção (PE):

*“A freguesia quer sempre qualidade, mas que nem sempre é a qualidade da renda em si que é observada. Algumas pessoas se atém mais ao desenho, outras ao bordado, outras ao tamanho dos pontos e, pra outras a qualidade está na igualdade dos pontos.”*

Essa fala demonstra que, quanto à qualidade, há espaço para todo tipo de rendas e, conseqüentemente, de rendeiras. Uma outra comerciante dona Menininha (64) corrobora com esse fato, quando diz:

<sup>40</sup> Gonçalves (1996)

*“Eu conheço pessoas. fregueses mesmo. que diz: (- Não, eu quero uma coisa mais inferior que seja mais barato, não importa o feitiço não, só importa o bordado.) Quer dizer, exige mais o bordado. Porque a renda existe muitos tipo de renda. Eu mesma tenho a de 1º, a de 2º e a de 3º qualidade. Porque eu tenho freguês que não quer saber de qualidade não, quer saber de quantidade e de preço. Porque vende mais, porque o turista não conhece aí vende mais”*

Ao dizer que “turista não conhece de renda”, dona Menininha traz um novo elemento quanto ao consumo da renda. Quando o turista em geral compra a renda ele está à procura de levar uma lembrança do lugar, um *souvenir*. Nesse momento o que importa para o turista são atributos como originalidade e unicidade que envolvem o fabrico da renda, e não questões ligadas à qualidade técnica da peça em si.

Há também um outro fator ligado a qualidade da renda que é o da desconfiança do comprador/encomendador quanto à honestidade da rendeira. Isso acontece porque quanto mais apertado for o ponto mais bem feito ele fica e mais linha é gasta. Daí a desconfiança quanto ao emprego do material utilizado na peça.

*“É assim: se a pessoa faz bem feito, outra faz mal feito, aí essa que faz bem feito... Com bem, se eu pego quatro novelo. se eu pego um pedaço dum trabalho com quatro novelo. se eu fizer pequenininho os quatro novelo meu num dá pra eu fazer aquele pedaço; a outra fase maior os ponto, mais longe, faz com os quatro. Ai a mulé diz: (- ó xente, e cadê minha linha ?) Tem disso também. (D. Maria José, 56.).*

Algumas estratégias são utilizadas por parte dos compradores para driblar essa dificuldade. Uma que me chamou particular atenção foi a desenvolvida por um ex-padre da região. Se dizendo insatisfeito e decepcionado com a “desonestidade” das mulheres rendeiras, o padre desenvolveu um sistema de compra por peso. Sabendo, de antemão, o peso da peça de



lace e do novelo de linha, ele pesa as peças para descobrir quanto de material foi utilizado em sua confecção.

O que pode ser observado é que, ao se perceberem exploradas em seu trabalho muitas rendeiras utilizam, como estratégia, aumentar o tamanho dos pontos, por exemplo, procurando recuperar um pouco do prejuízo utilizando o material que “sobra” em outras peças. Nesses termos, para além da qualidade estética da peça subjaz, à atitude dessas mulheres o cuidado de serem menos exploradas.

Neste capítulo, me propus a traçar um percurso da chegada da renda na região, atentando para os fatores econômicos e sociais que possibilitaram sua adaptação. Foram feitas, ainda, considerações acerca da transmissão do saber-fazer da renda renascença nos espaços da casa e da escola, enfocando as diferenças no aprendizado que ocorre nos dois espaços. Por último, procurei ressaltar os aspectos relativos à qualidade da renda, salientando os que dizem respeito a importância da qualidade para a comercialização.

No capítulo seguinte, enfocarei os valores material e simbólico da renda renascença, para os homens e mulheres rendeiros (as) da região estudada.

CAPÍTULO III  
RENASCENÇA: VALOR MATERIAL E  
SIMBÓLICO

### 3.1. A importância da renda como atividade de rendimentos

*“As mulheres não vivem em ociosidade, mas são da daquele humor que a escritura gaba e que chama forte: aplicadas ao governo de sua casa e a granjear com trabalho e industria, das portas adentro, como os homens fora de casa. E, onde isto há, não faltam as mais virtudes de honestidades e conserto de vida. Assim, há matronas de muito e bom exemplo e tão inclinadas a encaminhar as filhas a serem mulheres de casa e governo que, assim como em outras terras é ordinário, na tenra idade, manda-las a casa das mestras com almofadas e agulhas, assim nesta as vemos ir as escolas com papel e tinta, e aprender e ler e a contar.” (Frei Luiz de Souza)<sup>41</sup>*

A importância econômica da atividade da renda renascença na região do Cariri paraibano pode ser observada, dentre outros aspectos, na quantidade de mulheres que trabalham na confecção da renda. Em toda região há cerca de quatro mil rendeiras que movimentam valores na ordem de R\$ 200 por mês.<sup>42</sup> Com o desmonte da agricultura de subsistência devido a fatores como a falta de políticas públicas para a agricultura familiar, a concentração fundiária e o agravamento das condições de reprodução dos agricultores por causa da escassez de chuvas, tem havido o impulsionamento do crescimento dessa atividade na região. Nesse sentido, a atividade artesanal da renda renascença passa a representar uma importante fonte de ingresso monetário para um grande número de famílias de agricultores.<sup>43</sup> Entre as atividades econômicas básicas do município encontram-se: o extrativismo, o artesanato e a agropecuária rudimentar e de subsistência. As pessoas fazem carvão; tiram casca de angico; fabricam telhas e tijolos; fabricam cal; plantam milho e feijão; desenvolvem uma pequena agricultura irrigada; criam cabras, porcos, ovelhas, vacas, etc... Ultimamente tem havido, em toda região do Cariri, um incentivo do governo, via Banco do Nordeste, para a criação de cabras visando a produção de leite e derivados.

<sup>41</sup> IN: A vida do Dom Frei Bartolomeu dos Mártires (1921)

<sup>42</sup> Documento do Banco do Nordeste (2000)

<sup>43</sup> Segundo dados do PARAIWA (1999)

Em um estudo realizado no México, no qual o autor faz uma interpretação dos conflitos interculturais no capitalismo, é mostrado que, *“devido ao empobrecimento e ao caráter estacionário da produção agrícola, o artesanato aparece como um recurso complementar apropriado, tendo se convertido, em alguns povoados, na principal fonte de rendimentos”*. Canclini (1983:63)

O município de Camalaú é um dos mais pobres e subdesenvolvidos do nordeste brasileiro, possuindo um Índice de Indigência de 91,1%.<sup>44</sup> Há um alto nível de desemprego e/ou subemprego no seio da população masculina, fator que incide sobre a migração dos homens para outros Estados e regiões do Brasil. Esses homens, quando não migram, acabam por viver à espera de “bicos”, que os ajudem a sobreviver com suas famílias. Esse quadro favorece a procura das mulheres pelo artesanato. É com poucos recursos advindos deste que elas, muitas vezes, acabam por sustentar suas famílias.

---

<sup>44</sup> Dado do Conselho Regional de Economia da Paraíba.

### 3.2. A renda como atividade de homem

A renda renascença também é produzida por homens. Há, no entanto, uma dificuldade especial em tratar desse tema devido ao fato de ser difícil conversar com um menino ou um rapaz rendeiro. Isso acontece porque há o temor de que seja posta em dúvida a sua masculinidade, caso eles admitam ou sejam vistos fazendo uma atividade considerada como eminentemente feminina.

É fato comum na região estudada que há um grande número de homens, de várias idades, envolvidos na produção da renda renascença, principalmente nos sítios. No entanto, apesar de várias tentativas, só consegui conversar com dois rapazes. O primeiro deles, Roberto, (25), conversou timidamente comigo sobre sua história com a renda. Aparentemente cuidadoso em me passar uma “boa impressão” sobre ele, Roberto me falou que aprendeu a render aos dez anos observando sua mãe trabalhar. Fez renda até os dezoito anos quando tirou os documentos e foi para São Paulo “tentar a vida”. Depois disso nunca mais rendeu. Diz que sabe fazer “*mas que não gosta mais não*”. E diz ainda:

*“Fazer renda atrapalhava com as namorada. Namorei muito pouco. Fiz renda porque era o único meio de ganhar a vida. Eu ajudava mãe, comprava roupa e ia pras festa. (...) Trabalhava escondido quando chegava alguém me escondia”.*

Provavelmente Roberto só tenha conversado comigo, por não mais trabalhar na renda. Falar do seu passado, nesse momento, com uma estranha que valoriza e dá importância a renda renascença, leva-o a ter uma atitude de orgulho por saber fazer a renda e, também, por ter a coragem de conversar sobre um assunto que, normalmente, tem um caráter restrito.

Na feira de rendas de Jataúba, conheci um outro rapaz, José (20 anos), vendendo uma toalha de renda. A conversa com ele foi rápida, porém interessante. Morador de

um dos sítios da região, ele conta que faz renda desde os nove anos e que foi a sua mãe quem o ensinou e aos seus irmãos.

Com a toalha jogada sobre o ombro, José me disse, orgulhosamente, que havia trabalhado naquela peça, mas que não a havia feito sozinho, que “pagou alguns novelos”. Enquanto conversávamos, alguns rapazes, conhecidos de José, se aproximaram e ficaram dizendo brincadeiras com ele, chamando-o, depreciativamente de *rendeiro*. José, por sua vez, pareceu não se preocupar com as brincadeiras. Talvez, entre minha “aceitação” com relação ao fato de ele *render* e as brincadeiras dos amigos, ele tenha preferido ficar do “meu lado”: chegando até a pousar para uma fotografia. A atitude de José foi bem diferente da de Roberto - *rendeiro* citado anteriormente -, fato que nos leva a considerar que o estar na feira vendendo aquela peça indicaria José como um *rendeiro* de poder aquisitivo maior que o de Roberto. Enquanto Roberto apenas podia *desmanchar novelos* para terceiros, José pode comprar a matéria - prima e também pagar para outras pessoas trabalharem para ele.

Essas diferenças incidem sobre a forma de lidar com a renda. Se, ser *rendeiro*, é fazer trabalho “de mulher”, ser vendedor ou comerciante é trabalho próprio “de homem”. José é mais aceito entre os seus pares por também ser comerciante. Segundo um dos atravessadores do lugar, “Fazer renda num é trabalho de home não. Isso faz é espantar as mulher... A senhora já viu um home passar o dia todo com uma trouxa<sup>45</sup> no meio das perna? Vender, vender pode, mas, fazer, isso é coisa de mulher”. Essa atitude de discriminar o ato de tecer, também é observada entre os homens do Vale do Jequitinhonha. Silva(1998:97) Antes dos homens serem introduzidos na atividade, tinham a idéia de que: - “se um homem tecer, ele vira mulher, as pernas vão afinar e o esperma vira água e ele não vai ter condições de sustentar a família.”

A idéia de renda como trabalho de mulher não é corroborada pelas mães *rendeiras* que, desde cedo, encaminham seus filhos neste ofício. Por ocasião de uma visita à feira de Jataúba, acompanhei a negociação entre uma *rendeira* e um comerciante. Tentando manter o preço pela peça - 250.00 reais por uma toalha de banquete de 3m - a *rendeira*

<sup>45</sup> A *trouxa*, a qual ele faz referência, é a almofada que as *rendeiras* utilizam para apoiar a renda no colo.

utilizou, como argumento mais forte, o fato de seu filho de nove anos ter trabalhado na confecção da mesma. Para ela isso valorizava mais a peça, tornava-a mais especial.

Motivo que leva as mães a ensinarem seus filhos homens, quando crianças, a atividade da renda renasença é o fato de, no mundo rural, a socialização das crianças se realiza através do trabalho. Logo cedo, em torno dos cinco anos, meninos e meninas são iniciados no trabalho do roçado. Como a iniciação, na renasença, também ocorre nesse período e, sendo a estiagem, comum na região, os meninos acabam por aprender a render com a naturalidade de quem aprende um trabalho qualquer.

Nesse momento da infância não há uma separação rígida entre trabalho feminino e trabalho masculino. É comum encontrar nos sítios, crianças de ambos os sexos fazendo renda, pois essa é, em muitos casos, a única possibilidade de trabalho na maior parte do ano. Um caso emblemático é o de Maria Suelene, mulher de quarenta anos, rendeira há trinta anos. Segundo ela -- que procura demonstrar que tem as rédeas da casa e da família nas mãos --, *“todo mundo tem que trabalhar”*. Mãe de três filhos, duas meninas e um menino, Suelene diz, com firmeza, que logo cedo colocou os três para trabalhar na renda. Perguntei então, por que ela havia ensinado ao filho homem a render e ela respondeu:

*“ Eu não queria que ele ficasse na rua . Eu tinha acabado de me mudar do sítio pra cidade e não queria que ele ficasse vagabundando na rua, aprendendo o que num presta. É acho que todo mundo tem de trabalhar”*.

Dentre as várias formas de trabalho infantil identificadas por Neves apud Menezes et alii (2001:10) há uma forma de trabalho infantil fundamentada na transmissão de saberes e construção de profissões (trabalhador artesanal, profissional ou camponês), segundo a qual a orientação do uso da força de trabalho não responde diretamente à crescente expansão da apropriação da mais-valia e ao uso descartável do seu portador. O que aponta para outros valores referenciais que se encontram em jogo na reprodução social de posições, inclusive aqueles que qualificam a relação entre pais e filhos, mestres e aprendizes. A autora ressalta,

ainda, que estas formas de uso do trabalho infantil antecedem e ultrapassam o sistema de produção capitalista, mas não eliminam, necessariamente, as condições penosas e prejudiciais ao desenvolvimento da criança ou do adolescente.

Tendo como base analítica o destaque dado pela autora sobre “*os outros valores referenciais do trabalho de crianças em unidades camponesas*”, Menezes et alii- (ibdem) enfatiza a importância do trabalho na socialização de meninos e meninas. Nos termos da autora, essa socialização está “pautada por uma ética do trabalho que orienta a formação de homens e mulheres dignos (as) e honestos (as), capazes de serem respeitados (as) pela comunidade e de se reproduzirem a si próprios e às suas famílias.”

Nesses termos, ao falar que “todo mundo tem que trabalhar”, Suelene (40) faz referência a esse “ethos” que perpassa a visão da importância do trabalho na formação dos valores morais da família camponesa.

O filho de Suelene aprendeu a render com oito anos. Atualmente ele tem dezesseis anos e, há um ano, não faz mais renda. Tentei conversar com ele, mas não tive sucesso. Segundo sua mãe, depois que ele foi crescendo, ficando rapazinho, “*foi ficando besta, com vergonha de trabalhar na renda e num quer nem falar no assunto.*”

Essa postura é comum à maioria dos rapazes. Se, quando crianças, eles trabalham sem se esconder, à medida que vão crescendo, não encontrando seus pares nessa atividade, passam a operar com a idéia de que render é “trabalho de mulher”.

### **3.3. A renda como atividade de mulher**

No contato com as mulheres rendeiras de Camalaú, chamou-me particular atenção o fato de elas nunca se referirem aos maridos como provedores do sustento da casa. De um modo geral, o trabalho da mulher é sempre tido como ajuda. Socialmente espera-se que o homem seja provedor do sustento da família, atribuindo-se à mulher o papel de mãe e dona-de-



casa. Nesses termos, mesmo quando a mulher exerce o papel de provedora do sustento familiar, a sua atividade laboral é considerada como subsidiária e complementar. Esse fato pode ser melhor observado ao fazermos uma breve incursão na literatura que trata do trabalho da mulher.

Em um estudo realizado sobre as labirinteiras da Chã dos Pereira, em Ingá-PB, foi observado que as mulheres, embora se percebendo também, como provedoras do sustento familiar, preferem atribuir aos maridos a condição de chefe-de-família e de provedor, demonstrando uma forte alto-desvalorização do seu “papel”.<sup>46</sup>

Em um outro estudo realizado sobre a renda de bilro, na Ilha de Santa Catarina-SC, a autora observa, em suas entrevistas, que as rendeiras consideram sua atividade como complementar à dos maridos-pescadores. Em sua fala, uma das entrevistadas demonstra que, assumir um papel de relevância econômica, só se justifica em situação de crise (doença, morte do marido), quando recai sobre a mulher o “papel” de manter financeiramente a família<sup>47</sup>

Um estudo feito sobre o lugar da mulher em unidades domésticas camponesas, afirma que o lugar ocupado por cada membro da família está ligado à sua posição em relação às atividades que desenvolve no roçado ou na casa. As tarefas consideradas como trabalho são aquelas responsáveis pelo consumo familiar e são realizadas no roçado, na unidade de produção. Já as tarefas correspondentes ao âmbito da casa são domésticas, e a casa é considerada como unidade de consumo.<sup>48</sup>

Em uma outra visão na qual a divisão sexual do trabalho é menos rígida, o trabalho é visto como atividade humana através da qual o homem, genericamente, garante a produção e reprodução da vida material e social. Todavia considera-se que, mesmo exercendo um trabalho igual ao dos homens, as mulheres não têm o mesmo estatuto destes, visto que, trabalho idêntico não significa igualdade social entre homens e mulheres.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> GONÇALVES (1996)

<sup>47</sup> ZANELLA (1997)

<sup>48</sup> HERÉDIA (1979)

<sup>49</sup> SILVIA (1998)

Vinda de Pernambuco, através de poção e sítios fronteiriços, a renda renascença encontra, na região do cariri paraibano, condições ideais para se instalar. Segundo vários relatos obtidos entre as rendeiras da região, a feitura da renda sempre esteve ligada à escassez, à falta de empregos, à pobreza. Na cidade de Camalaú – PB a economia depende em parte da agricultura de subsistência (milho, feijão) e de um pequeno número de pescadores. Como já foi referido, é do emprego público e das aposentadorias que advém a principal fonte de rendimentos. Assim, devido a esse conjunto de fatores, é que um grande número de mulheres passa a depender dos poucos recursos obtidos com o seu trabalho na renda. Ouvindo os seus relatos e observando o seu cotidiano, vimos que muitas famílias acabam por ser sustentadas com a renascença.

*“Eu sempre trabalhei na renda pra sobreviver, criei duas filha assim” (Dona Marina, 68 anos)*

*“(...) Se eu deixar de trabalhar acho que a minha vida vai ser pior porque eu sou sozinha, eu e o menino com dezesseis ano pra eu cuidar, pagar água, pagar luz, pagar bujão, comer, daquilo ali de tudo... tudo sai da renda. (...) Eu nem sou aposentada, faz quinze ano que o marido me deixou, criei quatro filho sozinha com a renda trabalhando, trabalhando... Mas nunca chegou um dia assim que eu dissesse que num tem um caroço de feijão no fogo, graças a Deus! Criei tudinho. (dona Lurdinha, 53 anos)*

Nestes dois depoimentos, vemos a centralidade da renda renascença na vida dessas mulheres e de suas famílias. É nesse contexto que os filhos e filhas são criados aprendendo a atribuir ao trabalho com a renda a sua sobrevivência. É tecendo os pontos da renascença e entretecendo as suas vidas num misto de “desmanchar novos” e “desfazer os nós” das dificuldades da vida, que essas mulheres e crianças constroem suas vidas e seus sonhos”.

Alheias às discussões travadas na academia sobre o papel da mulher, muitas das rendeiras de Camalaú seguem suas vidas considerando que o sustento de suas casas provém do seu trabalho na renda, como ilustram alguns depoimentos:

*"O leite do meus menino saiu todinho daqui, da renda" (Gorete, 42 anos);*

*"Criei três filho com meu trabalho. Graças a Deus até hoje to puxando linha e vivendo a vida" (Zulmira, 56 anos);*

*"Com o pouco que eu ganho na renascença, eu sustento a casa. Meu marido é pedreiro, mas, além de nunca arranjar sirviço, todo dinheiro que ganha é pra beber." (Luciana, 36 anos)*

Partindo dos discursos dessas mulheres, e apoiada nas observações de campo, considero importante ressaltar como o saber-fazer dessas rendeiras lhes confere um caráter distintivo quando comparadas a outras mulheres que, como elas, são agricultoras e donas-de-casa, mas que não possuem um outro saber que lhes dê uma certa autonomia no sustento da casa. Fazer renda dá a essas mulheres a condição de não ficarem na dependência absoluta de seus maridos ou companheiros. E as meninas que ainda estão sendo iniciadas na renda renascença, já associam seu aprendizado à independência financeira. Uma das entrevistadas, Cacau (12 anos) trava a seguinte conversa com a mãe:

*Luciana (mãe) – E tu, agora, quer trabalhar pra quê ?*

*Cacau – Pra trabalhar pro Projeto<sup>50</sup>*

*Luciana – Pra tu ganhar o que ?*

*Cacau – Dinheiro.*

*Luciana – Pra que ?*

*Cacau – Pra comprar minhas coisa...*

*-- ... e pra gravar um CD (complementa uma tia de Cacau)*

*Luciana – O sonho dela é ser cantora. Ela já gravou até uma fita.*

*Cacau – Hum, hum... (risos).*

---

<sup>50</sup> O Projeto aqui referido é o da Escola de Rendeiras de Camalaú

Essa conversa ilustra bem a idéia de que a renda significa uma possibilidade de independência e, no caso de Cacau, uma esperança de poder realizar seu sonho.

Uma outra rendeira fala de como foi bom poder comprar, com o fruto do seu trabalho, uma roupa para ela quando era criança.

*“Num colarinho de brusa eu ganhava assim três mil réis, isso pra mim era uma riqueza. Ai quando eu tava assim com uns dez ano eu trabalhei e comprei o primeiro vestido com a renascença. Ele foi comprado em Paulo Afonso-BA que era mais barato, né, foi uma família pra lá e eu mandei o dinheiro pra comprar. Foi uma alegria, eu ainda me lembro do vestido”. (Maria José, 56 anos)*

Maria Clenilda, 32 anos, ajudou a mãe a criar os irmãos fazendo renda. Conta que, ela e suas irmãs aprenderam a rendar desde pequenas. Falando sobre a importância da renda renascença para a sua família, ela, que desde os nove anos já fazia passadeiras pra vender em Jataúba, afirma que:

*“Se num fosse a renascença eu acho que andava muita gente nu e descalço e, talvez, nem comesse”.*

Não quero correr o risco de homogeneizar as “rendeiras de Camalaú” como sendo uma categoria específica e compacta e, a partir daí, fazer afirmações apressadas. Todavia, mesmo percebendo a variedade das histórias de vida dessas mulheres, é possível considerar devido à recorrência dos fatos, nos relatos, a identificação de um certo padrão comum entre elas com relação ao caráter distintivo que lhes é conferido pelo saber-fazer da renascença.

Ao analisar a renda como atividade de mulher, alguns aspectos ganham relevância, e revelam características que são consideradas próprias às rendeiras. Refiro-me a atributos como: delicadeza, paciência, destreza com as mãos; qualidades necessárias para quem trabalha com linha e agulha e condições indispensáveis à feitura da renda.

Estudando uma tarefa eminentemente feminina, específica do processo de trabalho da cana, o descarte (atividade que consiste no reconhecimento das doenças, classificação e recuperação da planta, mediante a retirada das partes afetadas e da aplicação de agrotóxicos), Silva (1999:181) considera que, devido a sua natureza, o descarte é tido como trabalho feminino, pois “ *os qualificativos de um trabalho bem feito, leve, responsável, exigindo assiduidade e atenção, estão relacionados às mulheres. Portanto, somente elas se mostram capazes de realizá-lo.*”

Guardadas as diferenças entre esse trabalho realizado no cultivo da cana, e o trabalho com a renda, é possível encontrar elementos comuns como a atribuição de gênero que é dada a essas tarefas, ao caracterizá-las como femininas. No caso da renda como é um trabalho também realizado por homens, nos leva a pensar que, para além das atribuições de gênero, quando representa a luta pela sobrevivência, perde a força da caracterização pelo sexo. Nesses termos, na socialização de meninos e meninas de famílias camponesas, encontramos meninas/mulheres trabalhando na roça; e meninos /homens trabalhando na renda.

### **3.4. A feitura da renda no cotidiano das mulheres**

A organização do tempo na qual ocorre a distribuição das tarefas no dia – a - dia das mulheres rendeiras, obedece a um ritmo ditado pelas atividades domésticas ou ainda pelo ciclo agrícola. Essa orientação do tempo pelas tarefas obedece a uma lógica própria de organização que é informada por um ritmo criado pelas necessidades do dia -a - dia. Nos termos de Thompsom (1990:271), (...) “ *na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre o ‘trabalho’ e a ‘vida’*”.

Em Camalaú, as mulheres dividem o seu tempo entre a renda e as tarefas da casa. As atividades no roçado praticamente não têm ocorrido, devido aos motivos já citados.

No entanto, quando vamos tratar deste assunto, principalmente com as mais velhas, elas sempre aludem à agricultura, como nos mostra o depoimento a seguir:

*“Nós era também da agricultura mais papai. Nós trabalhava de manhã e quando nós chegava meio-dia, mamãe era a dona cozinha . Enquanto ela ajeitava o almoço nós ia pra renascença. Depois nós ia com papai também porque nós precisava ajudar papai porque precisava, sabe? E nós gostava. E quando nós chegava, de noite nós ia pra agulha até ... no candeeiro. Por isso que hoje to cega”.* (Lurdinha, 56 anos)

Por esse depoimento vemos que, em situações em que o trabalho agrícola é possível, a renda passa a se constituir como uma atividade das “horas vagas”. Essa questão remete a uma outra que é a do trabalho leve x trabalho pesado. As atividades caracterizadas através dos tempos como tipicamente femininas (bordados, costuras, rendas, etc), por serem executadas dentro de casa, serem delicadas, são consideradas leves. Comumente o trabalho na agricultura é citado como sendo um trabalho bem mais pesado do que o trabalho na renda. Esse fato leva algumas rendeiras a preferirem a renda em lugar da agricultura.

Esse é o caso, por exemplo, de dona Maria José (54) que diz que sempre foi “escorona pra agricultura”.

*“Amanhecia o dia assim, cedinho, eu ajeitava o café dos menino, tomava café, ai ia me embora. (...) quando era onze hora eu chegava, almoçava, dava ali uma ajeitadinha e ia pra renascença, até dez hora da noite (...) Minha vida era as, pra trabalhar na agricultura eu sempre fui escorona, o meu mesmo era a renascença”.*

Observando as casas das rendeiras é possível perceber que, geralmente, estão em desordem. É comum a visão de pias entulhadas com louças sujas: roupas por lavar ou por passar, espalhadas nas cadeiras e sofás: casas sem varrer e crianças sem tomar banho. Em meio a essa aparente confusão, encontram-se as mulheres da casa “geralmente mãe e filhas, ou vizinhas” sentadas com suas almofadas fazendo renda, como se estivessem alheias a desordem que as cerca. Isto ocorre porque a renascença se constitui como a atividade principal dentro das

tarefas realizadas na casa. É um trabalho lento, que toma muito tempo e acaba por ser priorizado.

Como as rendeiras trabalham ganhando por produção, quanto maior for o tempo utilizado na feitura da renda, maiores serão os seus vencimentos. Assim, as rendeiras reordenam as tarefas domésticas dando prioridade ao trabalho na renda.

O depoimento a seguir contribui para a compreensão desse fato:

*“Isso é uma coisa que empalha muito o tempo da gente. Se agente tem outra coisa pra fazer o destino da gente é fazer aquilo logo, bem ligeiro, que é pra ir trabalhar.” (dona Maria José, 54).*

Esse depoimento traz à luz uma característica que marca o discurso dessas mulheres, que é a distinção feita entre o trabalho doméstico e o trabalho na renda. Ambos são executados no espaço da casa, mas guardam características bem diferentes entre si. As tarefas domésticas podem ser realizadas com uma certa maleabilidade podendo, inclusive, serem acumuladas. Com o trabalho na renda não ocorre o mesmo pois é um trabalho que passa pelo crivo do olhar externo, além de ser remunerado. O fato de ser feito “pra fora” dá a esse trabalho o status de um trabalho “fora de casa”. Daí encontrarmos, na fala de dona Maria José, o termo “ir trabalhar”, - mesmo não saindo de casa - se referindo ao trabalho na renda, diferenciando-o do trabalho doméstico.

### 3.5. O valor simbólico da renda

É sabido que, nos dias atuais, o artesanato representa uma alternativa de trabalho e sobrevivência viável para considerável parcela da população rural<sup>51</sup>. Quero, no entanto ressaltar, que, em que pese toda a relevância econômica da atividade da renascença, questões ligadas ao lúdico, ao descanso, ao prazer, são também visíveis no cotidiano das rendeiras de Camalaú.

O ato de rendar, devido a sua lentidão e repetitividade de movimentos, leva a rendeira por vezes a entregar-se a um certo torpor que a faz esquecer-se de si mesma. Este é, segundo Walter Benjamin, um momento especial para se aprender a ouvir e a contar histórias. *“Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las”*. Benjamin(1987:205) Comparando o narrador ao artesão. O autor considera que *“se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do barro.”* (id ibdem.) A oralidade é uma marca visível entre as rendeiras que tecem suas belas peças artesanais ao mesmo tempo em que tecem suas histórias.

Durante o tecimento das peças, as mulheres, que preferem trabalhar em grupos, por acharem mais “divertido”, conversam, fofocam sobre a vida alheia, falam de seus sonhos, de seus problemas, e até improvisam soluções para os mesmos. O assunto preferido, no entanto, é “homem”. Durante essas conversas as mulheres relaxam e se distraem e, segundo uma delas, *“não vêem nem o tamanho do dia”*. A rendeira que fez esse comentário é uma mulher muito requisitada para estar nos grupos, rendando, por ser bem humorada e gostar de contar piadas picantes. Ela nos diz o seguinte sobre o ato de rendar:

---

<sup>51</sup> PORTO ALEGRE (1985)



*“Quando eu to aperrriada e começo a fazer renda, me entreto. E é mesmo! É assim: tem hora que passa raiva, passa desgosto, tudo, quando a gente ta trabalhando.” (Luciana, 36 anos).*

A mãe de Luciana, dona Maria José, diz:

*“Ainda que eu não precisasse do dinheiro, eu ainda trabalhava. Enquanto eu tiver a vista e puder vou trabalhar, eu gosto mesmo. Pergunte a ela (se referindo a filha) quando eu não tenho renascença, eu fico doidinha, eu não sei fazer nada, só pensando na renascença.” (dona Maria José, 56 anos)*

Conversando com dona Maria Alves, uma senhora que fez renda durante quarenta e três dos seus sessenta e três anos de vida ela falou-me, com tristeza, da saudade que sentia da renascença:

*“Tenho muito desgosto de ter parado de fazer renda. Aprendi com quinze ano. Parei faz cinco ano por que num conseguia mais fazer. Sinto muita saudade mas num consigo mais. Tenho problema de visão, to quase cega, e tenho problema de dor de cabeça. Tecia novelo pra os outro. Quando sobrava um dinheirinho eu fazia toalha pra vender. Era bom trabalhar ficava relaxada... Quando chegava do roçado meu sentido era só a renascença. Eu descansava do trabalho na roça, trabalhando na renda... É triste num poder fazer mais.”*

Mesmo havendo estragado sua visão fazendo renda à luz de candeeiro, a relação de dona Maria Alves com a renda é uma relação de carinho e ternura. Ao falar que está impossibilitada de rendar, seus olhos se enchem de lágrimas.

Outra rendeira, uma das mais antigas da região, também demonstra, no seu depoimento, o valor simbólico da renda, considerando elementos como lazer, relaxamento, distração. Ela comenta:

*“Faço renda há cinqüenta ano. Aprendi com umas mulher de Poção. Sou aposentada e hoje não trabalho mais por que preciso. Hoje faço renda como um lazer é um momento onde eu relaxo e me distrai a mente.” (dona Helena, 63 anos)*

Gostaria de trazer ainda um outro depoimento, o de dona Marina, 68 anos, a rendeira mais antiga da cidade. Numa certa altura de sua vida, devido a problemas familiares, ela precisou viajar, se ausentando de Camalaú por algum tempo. Por ocasião de sua partida ela nos relata o seguinte:

*“ Eu levei tudo da renascença pra Goiás por que eu num consigo viver sem a renascença não. Por que dá saudade. As vez eu vou dormir, rezo e fico sentada ali pensando: meu Deus, que é que eu faço da minha vida? Por que eu num consigo tentar parar de fazer a renda: pra mim fazer a vista ta acabando: que é que eu faço, meu Deus? Eu vou continuar que Deus vai me ajudar e eu faço. Eu já fiz muita, muita, muita... Mas eu num tenho coragem de parar não. Pode aparecer o que aparecer mas eu tenho que ter um pedacinho de renascença pra fazer. Num enxergo mais, sai mal feita, mas eu faço. Eu sou muito sofredora. Mas de noite eu paro, penso e resolvo que vou continuar. Eu vou fazer, vou inventar e vou em frente... E meu sofrimento é pela vida...”*

Encontramos nesse depoimento, alguns elementos que nos levam a pensar na renda como alvo de sentimentos por vezes contraditórios. Dona Marina nos diz que não pode viver sem a renascença, que sente falta e, ao mesmo tempo fala do sofrimento de, aos 68 anos, ainda precisar trabalhar. Nas entrelinhas de sua fala, encontramos alguns componentes dessa aparente contradição. Fala de saudade é por que a renda representa, na história de dona Marina, por um lado, o fato de possuir um saber que lhe deu a possibilidade de ajudar sua filha e seus netos; e, por outro, o prazer de poder confeccionar belas peças de renda que lhe confere um status de artista. Fala de sofrimento, se referindo a pouca valorização que é obtida pela renda, principalmente por quem a comercializa; e, fala também, do comprometimento da visão que atinge muitas rendeiras e a ela própria.

Caso também interessante é o de dona Mocinha, atravessadora e rendeira que, talvez por essa dupla atribuição de papéis, tem uma relação bem peculiar com a renda. Segundo ela, só possui uma única peça de renda em casa, para seu uso. No entanto, para as suas duas filhas, manda fazer muitas peças. Segundo ela:

*“Uma casa forrada com renascença é uma coisa muito rica você num vê nem os móvel, ninguém olha pra mais nada, só pras peça de renda. Mando fazer muita renda pra minhas filha: almofada, pano de bandeja, lençol, toalha, colcha, tudo, tudo de renda. Escolho as rendeira à dedo, porque as melhore peça tem que ficar em casa.”*

No universo da nossa pesquisa foi possível perceber que muitas rendeiras experimentam uma relação dúbia com a renda. Há prazer, descanso, realização, talvez pelo fato de se saberem possuidoras de uma capacidade especial para rendar ou de um dom que as diferenciam de outras mulheres. A forma como as rendeiras representam a posse do dom diz respeito a essa atribuição, “vinda de fora” que lhes permite ser uma boa rendeira. Conversando com uma rendeira sobre esta capacidade especial para rendar, ela me disse o seguinte:

*“Só comecei a rendar há dois meses. Eu num me acho muito capaz não. Boa mesmo é minha irmã, ela sim tem o “dom”. Eu tenho tido dificuldade pra aprender e eu acho que é por que eu num tenho o “dom” não. Num é todo mundo que tem, né”? (Gilda, 17 anos).*

Como pode ser visto no depoimento, há um reconhecimento, por parte da rendeira, de que o ato de rendar está ligado menos a técnica, que poderia ser aprendida por qualquer pessoa, e mais a habilidades pessoais que são presenteadas há apenas algumas pessoas.

No entanto, dada a dubiedade da relação com a renda, encontramos também desgosto e desprazer e, em alguns depoimentos, momentos de “briga” com a renda. Uma

rendeira. dona Severina. 49 anos. que aprendeu a rendar aos 14 anos. com colegas. nos dá o seguinte depoimento:

*“Há alguns ano eu jurei que nunca mais, enquanto fosse viva, eu num pegava numa almofada de renascença. As vez a gente fala as coisa.num é? É que eu me vi com os filho passando necessidade. tentei vender uns pano e num consegui – por que tem tempo que é assim, fica ruim e a gente num vende nada --, aí eu disse: -- já sei o que faço com esses pano. Aí peguei joguei tudinho dentro do fogo e queimei. Mas foi desespero, num sabe? Era por que num tinha nem comida pra os menino.Aí eu amaldiçoei a renda. Mas já passou, depois eu voltei a fazer renda.”*

A conversa com dona Severina aconteceu na feira semanal de Camalaú, que acontece aos domingos, em sua barraca de pastéis, onde ela estava acompanhada por cinco de seus nove filhos. Esse tipo de reação extremada nos dá indícios da dubiedade de sentimentos que permeiam a relação das rendeiras com a renda, muitas vezes, uma relação de “amor e ódio.”

Um outro aspecto interessante que pode ser observado entre as rendeiras é o de que a sua maioria absoluta não possui nenhuma peça de renascença adornando suas casas. Conversando com elas sobre isso, as suas respostas evidenciaram que as mesmas não gostavam de usar a renda por não a acharem bonita. Alguns depoimentos ilustram isso:

*“ Eu faço pra vender mas num gosto. Eu num tenho um pedaço de renda do tamanho desse copo, da boca desse copo eu num tenho em casa pra usar. Desse tempo todinho que eu trabalho nunca tive tempo pra fazer um pra guardar pra guardar pra mim, porque eu num gosto, num gosto.Acho bonitinho é o dinheiro.” (Dona Lurdinha, 53 anos)*

*“Eu até tenho uma ou outra peça mas num me interesso de usar não. E quando mando fazer uma peça e alguém se interessa, achando preço bom, vendo na hora, porque bom é o dinheirinho que entra”.(dona Cida, 43 anos)*

*"Pra mim mesmo, isso é bom pra fazer, é bonito. Mas que, pra usar, pra mim não me interessa não, porque eu num acho bonito não." (dona Maria José, 56 anos)*

Muitas dessas mulheres não têm a noção correta do que representa, para os apreciadores da renda, os belos trabalhos produzidos por elas. Envolvida por uma certa ambigüidade, a relação das rendeiras com a renda, comporta momentos, ora de proximidade, ora de distanciamento. A proximidade diz respeito ao valor lúdico e terapêutico que o fazer a renda traz para essas mulheres, pois, no momento da feitura, as peças que estão sendo produzidas ainda lhes "pertencem"; o olhar das rendeiras sobre suas peças reflete uma identidade com o objeto criado. Já o distanciamento ocorre no momento em que as peças saem das mãos da rendeira para o mercado, pois a distância entre as artesãs e as peças de renda, entre sujeito e objeto, é tão grande, que quase não são mais visíveis as marcas das rendeiras. Para além do sentido físico, esse distanciamento acontece quando a renda, enquanto mercadoria, se distancia do trabalho concreto da artesã, do seu valor de uso, e passa a revestir-se do valor de troca o qual cria a mercadoria e passa, ele mesmo, a ser mercadoria no mercado. Uma vez que, *"a tensão inevitável que se estabelece entre o trabalho como valor de uso (aqui entendido como sinônimo de trabalho concreto) e o trabalho como valor de troca (trabalho abstrato), representa necessariamente um fator determinante na conformação da identidade do trabalhador."*<sup>52</sup>

Processo diferente é encontrado entre as rendeiras da cidade de Nisa, região do Alto Alentejo, Portugal. Magalhães (1956:164). Ali as rendeiras se vestem com trajes típicos e se adornam com ouro para fazer a renda, cujas peças demoram anos para ficarem prontas. Uma parte dessas peças é guardada em caixas de madeira para ser usada em ocasiões especiais (batizados, casamentos, etc.); a outra parte é exportada.

---

<sup>52</sup> CODO apud Gonçalves (1996)

Mesmo não tendo elementos suficientes para precisar o tipo de relação das mulheres de Nisa com a renda, o próprio ritual que envolve o ato de rendar destas mulheres, e o fato delas usarem a renda, evidenciam que há grandes diferenças entre estas e as rendeiras de Camalaú. Em Nisa, o artesanato é uma atividade milenar com a qual as rendeiras se relacionam. Nessa relação, parece haver muito mais de afetividade, respeito, carinho, por estar arraigada à sua cultura, do que uma relação comercial, ligada a sobrevivência.

Entre as bordadeiras de Lagoa Seca estudadas por Farias (op cit), foi visto que, quando o artesanato passa a ser uma alternativa complementar de subsistência para as famílias absorvendo mão de obra feminina, masculina e infantil, a atividade de bordar perde muitas de suas características simbólicas deixando de ser uma atividade de lazer para constituir-se, apenas, em trabalho produtivo.

Em Camalaú não acontece assim. Ao mesmo tempo em que assume a função de estratégia de sobrevivência, a atividade da renda renascença comporta características também de lazer e de prazer.

Minha proposta, neste capítulo, foi a de focalizar dois aspectos importantes da renda renascença para as rendeiras de Camalaú: o material, enfatizando a renda como uma importante fonte de rendimentos para as rendeiras e suas famílias; e o simbólico ao chamar atenção para os aspectos lúdicos que envolvem a feitura da renda.

No capítulo a seguir tratarei da relação entre atravessadores e rendeiras e sua relação ambígua, da heterogeneidade dos atravessadores e da comercialização da renda que acontece no espaço da feira.

CAPÍTULO IV  
O ATRAVESSADOR NO CONTEXTO DA  
RENASCENÇA

#### 4.1. A figura do atravessador

*“As relações econômicas não se circunscrevem aos espaços previamente fixados para elas – o mercado, os intercâmbios – nem as atividades culturais estão fechadas em instituições especializadas (raramente as encontramos num isolamento equivalente aos encontrados nos museus de arte ou nas cidades universitárias). O econômico e o simbólico se mesclam em cada relação social, e se disseminam em toda a vida da comunidade”. (Nestor Canclini)*

Entre os agentes sociais com os quais as rendeiras interagem, é com os atravessadores que elas travam a relação mais controvertida. O sonho mais acalentado por uma rendeira é o de não precisar mais depender dos serviços do atravessador. No geral, quando conversamos com uma rendeira sobre a comercialização da renda, as queixas têm um “endereço certo”, o atravessador.

Figura ambígua e tida por alguns como “mal necessário”, o atravessador pode ter suas raízes buscadas na figura do mercador. Segundo Rugiu,<sup>53</sup> o progressivo prevalecer do mercador sobre o artesão acontece desde a Grécia e Roma na Idade pós-homérica e na república dos séculos III e II a.C. respectivamente. O mercador teria a função de dar “pernas” à mercadoria levando-a ao mercado.

Uma característica importante do mercador e também do atravessador é a sua maior vinculação aos “segredos” da comercialização. Se o artesão tem seus “segredos” e “mistérios” na arte do fazer, também os mercadores tinham os seus; “nas técnicas de conhecimento mercadológico, nos fornecimentos às sutilezas do novo ábaco; nas operações de câmbio, etc...”.<sup>54</sup> Assim, o mercador tem o artesão nas “mãos”, tornando-se o seu empreendedor, empregador e fornecedor, além de financiador, assegurador e muito mais.<sup>55</sup>

Essas características são bem visíveis no atravessador, que acaba por ser uma espécie de elo de ligação entre a artesã e o mundo exterior, fazendo uma intermediação que é

<sup>53</sup> op cit

<sup>54</sup> Ibidem

<sup>55</sup> Farias, op cit



legitimada pelo seu domínio do mercado. Contudo, esse domínio do mercado não acontece, apenas, devido ao fato do atravessador conhecer os seus “segredos”. Fator também importante é a sua capitalização que facilita a dominação sobre as artesãs, pois as rendeiras, como já dissemos, são, em sua maioria, descapitalizadas, não possuindo os meios necessários para comprar a linha e o lacê: nem para se locomoverem para outros lugares onde a renda é comercializada.

Analizando as características do sistema de produção da tecelagem doméstica, de artigos de lã extraídos de dois animais – a Lhama e a Vicunha – no Nordeste argentino, as autoras Hermite e Segre (1984:174) estudam situação semelhante à encontrada em Camalaú. As autoras denominam de *tecelã capitalista*, aquela que é “*financiadora e intermediária no mercado regional e nacional*”. Segundo essas autoras, devido ao frágil equilíbrio econômico das artesãs têxteis, proporcionado, entre outros fatores, pela dificuldade de obtenção da matéria-prima necessária à confecção dos ponchos fabricados por elas, essas artesãs acabam por se vincular a pessoas que possam lhes dar apoio econômico e lhes servir como mediadoras frente ao mercado. A exemplo dessas tecelãs, as rendeiras, em Camalaú, também podem ser caracterizadas como produtoras fragilizadas, cujo despreparo para o mercado deve-se, entre outros fatores, à falta de apoio governamental, sob a forma de políticas públicas, que contemplem a articulação da produção com o comércio.

A nomenclatura que abrange essa categoria dos *atravessadores* é bastante variada. É possível encontrar, dependendo do lugar, várias denominações diferentes que se referem a pessoas que exercem a mesma função. Assim, podem ser identificadas, além de *atravessadores*, expressões como: intermediários, fabricantes, gerentes, compradores, comerciantes e, até, rendeiros. Esta variedade de nomes nos dá a idéia da não homogeneidade dessa categoria.

No caso de Camalaú, que, pelo exposto, pode ser generalizado, as rendeiras dependem do atravessador para conseguir vender o produto do seu trabalho. Segundo

levantamento feito pelo Banco do Nordeste, existem cinco atravessadores catalogados na cidade, um homem e quatro mulheres, cujos faturamentos mensais variam entre 300 e 5.000 reais. São atravessadores de pequeno, médio e grande porte. As diferenças entre eles, entretanto, se apresentam para além das cifras.

#### 4.2. Os diferentes atravessadores

Mesmo com toda a dificuldade que tivemos para conseguir conversar com algumas das atravessadoras -- dificuldades dadas, principalmente, pelo fato de elas não quererem se expor a uma estranha -- esperamos poder contribuir com a caracterização destas agentes evidenciando suas diferenças. Devido às dificuldades de aproximação, escolhemos três atravessadoras que, ao nosso ver, darão conta de marcar essas diferenças. São elas, dona Mocinha, Nita de Mariano e Gorete.

Dona Mocinha (55) há vinte anos trabalha como atravessadora e é uma bem sucedida comerciante da cidade que, além de trabalhar com a renda, possui um sítio e uma mercearia. A mercearia merece um destaque especial, pois se configura, para o negócio com a renda, como um espaço importante. Além de servir como uma espécie de "ateliê" no qual dona Mocinha trabalha beneficiando a renda, aprontando riscos, fazendo os desenhos para serem bordados, a mercearia tem também as funções de depósito para a grande quantidade de peças de renda que dona Mocinha possui, e tem uma espécie de conta aberta, para as rendeiras, que vão comprando fiado, gêneros de primeira necessidade e acabam por ficar "nas mãos" de dona Mocinha, podendo esta, ter o seu poder de barganha aumentado, fazendo com que ela possa explorar mais as rendeiras. É do comércio que vem o sustento da família. O sítio é, segundo ela, um espaço para o lazer. Dona Mocinha, que é uma atravessadora de grande porte para o lugar, possui em torno de oitenta rendeiras trabalhando para ela, e comercializa suas peças em João Pessoa, Campina Grande, Recife e Natal. Trabalha com grandes encomendas e, no

momento desta pesquisa, estava atendendo a um pedido de 200 panos de bandeja e havia acabado de entregar uma encomenda de 1.000 panos de bandeja. Todos de sua família (o marido, duas filhas e um filho) estão de alguma forma envolvidos com a renda. O filho faz os contatos com os compradores de fora, acertando as encomendas e negociando preços e prazos; e dona Mocinha “gerencia” as rendeiras que trabalham para ela.

A outra atravessadora, Nita de Mariano, pode ser considerada uma atravessadora de médio porte e possui quinze rendeiras trabalhando para ela. Sua produção é vendida em João Pessoa, Olinda e Recife. Além de comercializar a renda, Nita também é professora de uma escola do município. Segundo ela, até vinte anos atrás não valorizava a renda, nunca havia se interessado em aprender a fazer e não possuía nenhuma peça em casa. Um dia, por essa época, foi visitada por uma amiga, Nice, que lhe convidou para entrar em sociedade com ela e intermediar a renda para um grande atravessador de Pesqueira - Pe, seu Jorival, e, desde então, passou a trabalhar com a renda. Continua não sabendo rendar, mas aprendeu a beneficiar a renda e, com o tempo, deixou de trabalhar para seu Jorival e passou a trabalhar por conta própria passando a comprar cangaços – pedaços de renda antes do beneficiamento – às rendeiras e a fazer encomendas. A característica mais marcante de Nita é gostar de variar, trabalhar com coisas novas e diferentes. Está sempre experimentando alguma nova possibilidade, novos desenhos e riscos. É uma mulher que já participou de várias feiras de renda, é bem informada e se considera “uma lutadora pelo sucesso da renascença e das rendeiras”.

A terceira atravessadora, Gorete (42) é, entre as três citadas, a de menor poder aquisitivo. Ela é considerada como sendo uma das melhores rendeiras da região, é instrutora da escola, vende Avon, doces e utensílios domésticos em plástico. Gorete trabalha para o maior atravessador da cidade – seu Toinho – e para ela própria, possuindo oito rendeiras trabalhando para si. A sua produção é vendida em Recife, João Pessoa e Souza.

Além dos tipos já apresentados, é possível encontrar, ainda, atravessadores como o Sr. Airon – dono da Fábrica Arte Rendas, da cidade de Poção – PE – que, mesmo não se considerando como tal, e até criticando os atravessadores, exerce efetivamente o papel de um atravessador. Em sua fala ele diz:

*“Essa fábrica eu já tenho há quinze anos. Entrei no ramo para resolver um problema de mercado muito sério que existia então pois a renda só era comercializada às escondidas. A fábrica é a grande responsável pela boa qualidade da renda. Eu sou um defensor da boa renda e tenho procurado dar todas as condições para que as renderas se sintam satisfeitas e produzam melhor. Aqui nós já produzimos a linha e o lace, matérias – primas mais utilizadas e que não deixam nada a desejar pois têm um ótimo padrão de qualidade. (...) O atravessador é um grande mal para as rendeiras e seria melhor que eles não existissem. A renda renascença é muito importante para a nossa cidade, pois a renda mudou a cidade de Poção, que hoje sobrevive economicamente graças ao comércio da renda.”*

Apesar de ter feito várias críticas aos atravessadores, e de se considerar um benfeitor das rendeiras e um guardião da boa qualidade da renda, seu Airon é tido, na região, como um atravessador de grande porte e como alguém que não prima pela boa qualidade da renda. Sobre ele, dona Menininha (64 anos), rendeira e comerciante da cidade de Poção, comenta:

*“Ali na fábrica de Airon é tudo pessoas nova que trabalha recebendo as peças de renda e que não conhecem renascença não. Lá ele compra de tudo pois o turista não conhece renda não e, como ele compra assim no grosso, a fábrica fica sendo uma das responsáveis pela má qualidade da renda.”*

Uma outra rendeira e pequena comerciante de rendas do Tigre, Leda (30 anos), reconhece seu Airon como um atravessador. Sobre ele, ela diz:

*“Airon fica com aquela conversa dele pra cima das rendeiras, mas ele é mesmo um atravessador e dos grande, num acha? Porque, se ele compra da gente, dos pequeno, e vende pra os grande, ganhando dinheiro em cima de nós, é porque ele é um atravessador”.*

É precisamente o fato de ganhar dinheiro às custas das rendeiras, que faz do atravessador o ente que simboliza a despossessão, por parte das rendeiras, do fruto do seu trabalho. Assim, o que unifica a identidade do atravessador, é o fato de ele reter a mais-valia, que, nos termos marxianos, é produzida a partir do incremento ou excedente sobre o valor original. Assim, o atravessador leva a mercadoria ao mercado e agrega a ela um sobre - valor que vai capitalizá-lo e torná-lo apto ao mercado. A extração do mais-valor implica ainda, para o atravessador, ter condições de subordinar às rendeiras. Dessa subordinação decorre a ambigüidade na relação atravessador-rendeira.

#### **4.3. Atravessadores e rendeiras: uma relação ambígua.**

Falando sobre as relações de trabalho das bordadeiras de Lagoa Seca com as intermediárias (que, no caso de Lagoa Seca, são bordadeiras que conhecem todo o processo de trabalho: além de ter acesso a matéria prima e dominar o mercado), Farias (1988:56-57) diz que essa relação ocorre num processo de subordinação no qual as intermediárias se utilizam da ideologia da classe dominante, legitimada pelo consenso da “necessidade” e do “benefício”. Segundo a autora, *“as intermediárias, na maioria das vezes, usam um elemento comum nas indústrias, que é a hierarquia dentro do processo produtivo. Isso faz com que só elas tenham acesso às compras, aos riscos, aos cortes, aos arremates finais e à comercialização. (...) O intermediário desvenda os “mistérios” e torna acessível e garantida tanto a matéria prima*

*como a comercialização do produto. Com isto, recebe a auréola de “benéfico”, visto que resolve a problemática maior na execução daquele trabalho.”*

Assim, ao mesmo tempo em que ocorre uma relação de dominação visível, ocorre também um apadrinhamento, um vínculo recíproco, mesmo desigual, em consequência da qual a artesã se deixa dominar, acreditando estar sendo ajudada pela intermediária.

O atravessador, no tocante às relações de compadrio, lembra a figura do arregimentador, que é a pessoa responsável pelo recrutamento de trabalhadores migrantes para a *plantation* açucareira e atua como intermediário entre a usina e os trabalhadores. No geral, o arregimentador é um migrante que conseguiu ascender socialmente, conquistando a nova posição. Segundo Menezes (2001:16),

*“Embora o arregimentador realize o recrutamento de trabalhadores migrantes através de critérios que visam a um disciplinamento da força de trabalho, tanto para garantir maiores níveis de produtividade, quanto para controlar as atitudes de resistência dos trabalhadores e sua relação com o sindicato, ele também se orienta pelas relações de amizade ou parentesco que estabelecem obrigações, dependência, respeito, ajuda mútua entre eles e os camponeses – trabalhadores migrantes”.*

As negociações entre atravessadoras e rendeiras acontecem seguindo normas já consagradas pelo costume. Os atravessadores, conhecendo de antemão as demandas do mercado, procuram as rendeiras, na maior parte das vezes, com as encomendas acertadas. Normalmente eles levam o riscado, a linha e o novelo – matéria prima utilizada na confecção da renda – como forma de adiantamento pelo pagamento da encomenda. Assim, quando a peça fica pronta, é descontado o valor referente ao material empregado. Até a época desta pesquisa, o lacê custava 0.80 centavos; a linha 0.70 centavos. Dessa forma, ao pagar 5.00 reais pelo trabalho da rendeira (preço pago por um pedaço de renda de, aproximadamente 30 cm de diâmetro, que leva um novelo de linha e uma peça de lacê) o atravessador considera que está pagando o preço justo. Cada atravessador tem um grupo de rendeiras trabalhando para ele, cuja

relação esta marcada por laços de dependência e compadrio. Segundo Hermitte e Segre (op. cit), *“É desta maneira que se estabelecem as relações de patrão-cliente reforçadas, de um modo geral por laços rituais de parentesco (compadrio). As regras de conduta por esse parentesco ritual ordenam e sistematizam a atribuição de deveres e direitos, servindo, em última instância, para mediar a interação entre grupos cujo contato é inevitável.”*

É, por essa ótica, que estamos considerando o relacionamento entre atravessadoras e rendeiras, como indo além de uma relação comercial. Tive oportunidade de observar várias situações que fazem parte da rotina delas, nas quais se vê claramente a ambigüidade contida nessa relação. É comum chegarem às casas das atravessadoras rendeiras cobrando pagamentos atrasados e ouvindo desculpas da “patroa” de que, no momento, não tem dinheiro, que ainda não recebeu do freguês que fez a encomenda: filhos de rendeiras com bilhetes da mãe pedindo adiantamento em dinheiro ou em gêneros alimentícios – arroz, feijão, etc--: ou ainda rendeiras com panos de bandeja pedindo, e as vezes implorando, para que a atravessadora compre. Em uma ocasião, diante de uma cena como esta, ouvi o seguinte “desabafo”:

*“As rendeira, no geral, são preguiçosa e desinteressada e algumas são até desonesta, pois, pegam o riscado, o novelo e o lace; querem pagamento adiantado, mas num entregam no prazo combinado. Esse negócio me da é muita dor de cabeça e muita preocupação. Mas eu faço tudo por elas, troco renda por mercadoria, ajeito tudo pra elas. Mas é difícil lidar com esse povo...” (Dona Mocinha, 55 anos)*

Por esse depoimento, é possível percebermos como as atravessadoras se vêem. Ao falar que “ajeita tudo pra elas”, dona Mocinha não está considerando que as rendeiras que vivem sob sua dependência, e precisam dos cereais que ela comercializa, se tornam reféns dos seus interesses, estão “presas” a ela. No geral as atravessadoras se dizem preocupadas com as rendeiras, penalizadas com a sua situação e que as apadrinham como forma de ajudá-las: e

ainda representam as rendeiras como desinteressadas, preguiçosas e desonestas, pois essa é uma forma de realçar os seus dotes de madrinha. Compactuando desse mesmo parecer sobre as rendeiras, uma outra atravessadora nos diz:

*“As mulheres daqui são preguiçosas, desinteressadas em associações: preferem ser explorada pelos atravessadores ganhando R\$ 5,00, do que trabalhar mais, aperfeiçoar o que já sabe e aprender o que não sabe. Eu não quero só pra mim não. Não faço questão de dividir o “bolo” com todos, mas elas é que não se interessam.”*  
(Nita)

Como dona Mocinha, Nita também possui uma “conta aberta”, no seu caso, em um armazém da cidade, para atender as rendeiras que a procuram. Esse atendimento ocorre nas mesmas bases que o de dona Mocinha, uma base de troca de interesses mediada pela necessidade.

No caso de Nita, ela costuma criticar muito os seus pares, considerando-as exploradoras das rendeiras, fato que a leva a não se considerar uma delas. Ela também apadrinha as rendeiras que trabalham para ela e, algumas com as quais conversei, disseram que ela é uma das atravessadoras mais honestas do lugar. Numa ocasião em que estava conversando com Nita, em sua casa, pude presenciar uma situação na qual ela aconselhava duas rendeiras – mãe e filha – a fazerem um empréstimo que estava sendo oferecido pelo Banco do Nordeste, através do Pronaf (Programa de Crédito para a Agricultura Familiar), pois o do grupo B – que comporta as famílias, cuja renda familiar seja de até 1.500 reais – estava financiando as rendeiras da zona rural. Por esse programa, se o financiamento, que era de 500 reais, fosse pago no dia apazado, a rendeira só precisaria pagar 300 reais. Nita ficou tentando convencê-las através de vários argumentos e olhava em minha direção o tempo todo querendo minha aprovação, para dar mais peso aos seus argumentos. Ela então sugeriu que aquelas senhoras poderiam, se quisessem, dar um “cambalacho honesto” no Banco: para isso elas só precisariam comprar 300 reais de material e pedir nota de 500 reais. Segundo ela isso seria



muito fácil por que o rapaz que vendia, em Poção era “muito gente fina” e, certamente, concordaria com a pequena infração. A atitude de Nita demonstra bem a ambigüidade que cerca a relação entre rendeiras e intermediárias. Por um lado o conselho da “madrinha” sujere uma certa preocupação com o crescimento das rendeiras, por outro a preocupação com o seu próprio negócio, pois, sem o trabalho da rendeira o trabalho dela fica inviabilizado.

Ao se referirem às atravessadoras, as rendeiras falam, ora de modo aberto, ora de modo reservado sobre o jugo que estas lhes impõem. Algumas são mais comedidas em seus comentários, pois temem algum tipo de retaliação por parte das atravessadoras. Ao conversarmos com as rendeiras é possível observar que, quanto maior o poder aquisitivo da atravessadora, maior é o distanciamento entre ela e as rendeiras. Ao comparar o seu trabalho e o seu lucro com os das atravessadoras, as rendeiras costumam “tecer” fortes críticas as atravessadoras considerando-as desonestas por terem enriquecido ilicitamente às custas do trabalho alheio. Em suas falas é possível ouvir os seguintes comentários sobre as atravessadoras:

*“Eu já vi muita gente inricar aqui as custa do trabalho da gente. As vez da um desgosto muito grande vê uma pessoa que trabalha tanto num ter nada e vê uns tipo que se aproveita de nós com casa, carro bom, sítio tudo porque se deu bem em cima dos pequeno” (Luciana, 38 anos).*

*“Num vale a pena fazer renda pra sair vendendo pra esse povo (os atravessadores) daqui não. Ave Maria, é melhor da de graça do que vender pra Mocinha. Ela compra fiado, num paga a ninguém (...) Ela é boa mas tem esse defeito: ela compra uma peça e pessoa vai dez, doze vez atrás dela e ela num paga, dando massada. E, quando vem pagar, a pessoa num se lembra mas nem o que fez com o primeiro dinheiro que recebeu porque ela da 5.00 real hoje, outro pouquinho amanhã ...” (Dona Lurdinha, 53 anos).*

*“A pessoa já procura esses atravessador porque precisa, pra vê se arruma alguma coisa, um dinheirinho pra uma água, uma luz, um bujão, mas eles só dão o que querem.*

*do jeito que querem dar... É um jugo muito grande em cima da gente". (Dona Marina, 68 anos).*

*"Eu acredito que, se quem fosse vender, fosse um pouquinho mais justo, tanto crescia a rendeira, como valorizava mais a renda, e crescia mais a pessoa que ta vendendo porque é um intermediário forte, num é? Mas aí entra a ambição no meio..." (Deinha, 28 anos).*

Estes depoimentos demonstram a dependência que as rendeiras têm das atravessadoras. Elas reclamam, reconhecem o jugo que lhes é imposto, acham que o seu trabalho é desvalorizado mediante um pagamento ínfimo, consideram que, em sua maioria, as atravessadoras não honram seus compromissos: mas sempre recorrem aos seus "algozes" por não se considerarem em condições de enfrentar o mercado. O depoimento a seguir ilustra bem isto:

*"(...) Eu tenho material em casa, mas num trabalho mais pra mim não. Porque a gente trabalha pra gente mesmo pra vender aqui pra os atravessador, num sabe? Quando a gente termina que vai fazer as conta, eu acho que fazer os novelo pras outra sai melhor pra gente. Porque pra gente pegar o risco, alinhavar, fazer, emendar, arrancar e procurar venda, a gente ganha menos, no saldo da renascença." (Dona Maria José, 56 anos)*

Além da inapetência para o mercado, o depoimento de dona Maria demonstra que há duas formas de trabalhar para o atravessador: vendendo a peça pronta e desmanchando novelos. Nas duas formas a rendeira sai perdendo. Ao considerar que a segunda forma é mais rentável que a primeira, dona Maria demonstra bem o seu despreparo para o mercado, uma vez que, como a figura do atravessador representa o mercado, ir a sua procura – na própria cidade ou nas feiras de renda que acontecem em cidades próximas – para vender uma peça pronta, é um enfrentamento que muitas rendeiras evitam. Enfrentar o atravessador significa saber barganhar o melhor preço, saber o valor de mercado que o seu trabalho possui, e "brigar" por ele, não se deixar influenciar pela depreciação que o

atravessador faz do seu produto como forma de baixar o preço; enfim, a rendeira precisa possuir alguns requisitos que são básicos para fazer uma negociação desse tipo. Assim, por não possuir esses atributos para comercializar, a rendeira “prefere” *desmanchar* novelas a cinco reais, considerando que o seu lucro é maior.

É importante ressaltar, nesse ponto, que a escola das rendeiras não contempla em seu currículo essa realidade. Há uma preocupação mais centrada na produção como atividade curricular, do que com a comercialização no sentido de habilitar as jovens rendeiras para o mercado. Nesse sentido, o empenho, com o tipo de produto que vai chegar ao mercado, é maior do que com a rendeira que o produz. Para ilustrar esse fato, podemos recorrer ao trecho de uma entrevista, na qual é salientado esse ponto.

*“A realidade da rendeira do Cariri é muito difícil porque a gente não consegue vender direto ao consumidor, a gente vende ao atravessador. (...) o coordenador do Projeto Escola Rendas do Cariri me convidou pra juntar um grupo de rendeiras pra trabalhar pra ele. Aí ele veio assim como se fosse um técnico que ia ensinar uma tecnologia avançada, uma qualificação, a qualidade do trabalho das rendeiras, sabe? Só que, no entendimento da gente, a gente precisava de apoio financeiro mas de qualidade não. Porque se a gente conseguia levar nosso trabalho pra João Pessoa e vender lá, mandar pra São Paulo e vender, pro Recife e vender, então a qualidade a gente já tinha, né? Uma coisa que eu me criei fazendo, como é que você vem me ensinar uma coisa que você não sabe? Aí ele vinha com tanta coisa diferente, com computador... Mas a gente aceitava aquelas sugestão dele. (...) Só que de atravessador a gente já tá correndo. Porque eles queria empatar a gente. (...) Aí eles criaram a casa da rendeira, botaram um bocado de coisa lá porque eles tem dinheiro mesmo... Eles ainda me procuraram, mas a intenção deles mesmo era essa tirar da mão do atravessador pra mão dele, porque a renascença é uma coisa que rende muito dinheiro, mas é uma coisa que quase ninguém quer fazer. Com qualidade mesmo, quase ninguém faz mais”.*

Por esse depoimento, é possível perceber que as rendeiras sabem que o seu problema principal é a falta de capitalização que as leva a se tornarem sem condições para o

mercado. O incentivo financeiro daria mais independência à rendeira com relação ao atravessador.

Estudando o artesanato das rendeiras de renascença, no Agreste do Estado de Pernambuco, Osório (1983:14) considera como “produtora independente”, a rendeira que adquire no mercado toda a matéria – prima e os instrumentos de trabalho de que necessita para a sua produção. Essa rendeira “independente” que compra e vende no mercado pode ser assim denominada por possuir uma certa independência, escapando da subordinação direta a um único fornecedor ou a um só comprador. No entanto, o cerne da questão é o nível de pobreza da rendeira que não permite que ela estoque, por longo tempo, o produto do seu trabalho. Assim, ao necessitar de escoamento para sua produção, a rendeira acaba tendo que se submeter a acordar um preço com algum comprador. E, no acerto do preço, as condições econômicas da rendeira a colocam em desvantagem com relação ao comprador; enquanto a posição econômica superior do comprador lhe favorece tirar toda a vantagem, baixando a remuneração do trabalho da rendeira.

Em Camalaú, essa relação também é visível. As rendeiras se sujeitam a vender seus produtos aos atravessadores, pelo preço que eles determinam, por necessitarem do dinheiro com uma certa urgência, a urgência de quem já está devendo o dinheiro que ainda vai receber. Vejamos o depoimento a seguir:

*“Daqui mesmo quem sai é seu Toinho, dona Mocinha e Nita, eles é quem sai pra vender as peça fora. Se a gente for pegar um paninho, sair pra vender em Poção e Pesqueira e Recife, como é que vai ser? Uma peça é sete real, num da pra chegar em Sumé... As vez a gente vai pra Jataúba que é aqui mais perto. Uma semana dessa Marina foi quem foi vender. Levou uns trabalho da gente mas chegou lá, a feira tava tão ruim que num vendeu nada. Ainda vendeu uma barra minha, vendeu não, deu. Vendeu baratinho, mas a gente precisa, né? Ai, tem que vender por qualquer preço, mas tem que vender. É ai que os atravessador pega a gente.” (Dona Lurdinha, 53 anos)*

Em seu depoimento, dona Lurdinha cita os nomes de três atravessadores que têm condições de “sair pra vender” em outros centros maiores – Recife, Pesqueira e Poção - lugares que, para a maioria absoluta das rendeiras, significam mercados completamente inacessíveis. É interessante perceber a ironia que esse fato esconde, já que a melhor renda comercializada nesses espaços é, segundo relatos da maioria dos atravessadores, produzida em Camalaú. Dona Lurdinha se refere também a uma rendeira, dona Marina, que faz viagens esporádicas a Jataúba, para vender renda. Essa rendeira se enquadra em um tipo de rendeira, não muito comum na região, pois vai até às feiras de renda a procura de melhores preços para as suas peças. Geralmente, essa rendeira leva, além de suas peças, outras peças de algumas amigas, não se configurando, no entanto, em uma relação de intermediação, se constituindo, antes, como uma rede de solidariedade entre as rendeiras. Além do caráter de ajuda mútua, ir à feira, com uma quantidade de peças maior, faz com que a rendeira tenha como barganhar um melhor preço. Estas visitas à feira são esporádicas, pois significam, para a rendeira, ter gastos com transporte, além de gastar um tempo que poderia estar sendo empregado na produção.



#### 4.4. A comercialização da renda no espaço da feira.



Figura 16 : Atravessador comprando toalha na feira de Jataúba.

Fonte: Pesquisa direta – Abril/2002

A feira é um espaço importante no escoamento da renda para outros centros maiores do Brasil e do exterior. Existem três feiras importantes onde se comercializa a renda renasçença: as de Pesqueira, Poção e Jataúba, todas localizadas em Pernambuco. A de Pesqueira é considerada a mais importante feira de renda do mundo; todavia, dentro dos limites da nossa pesquisa, só foram visitadas as feiras de Poção e Jataúba, por estarem mais próximas a Camalaú – *locus* da nossa pesquisa – e pelo fato de acontecer, nessas feiras, a venda direta da renda renasçença produzida em Camalaú. Nesse sentido, consideramos importante caracterizar, ainda que minimamente, as feiras visitadas por nós e as cidades que as sediam.

As cidades onde acontecem as feiras podem ser consideradas como cidades-pólo, uma vez que articulam vários municípios, possibilitando o escoamento da produção local

da renda para outras regiões. Compreendemos que as artesãs estão subordinadas às redes de comercialização local em dois níveis: o município de Camalaú e as cidades – pólo, no caso, Pesqueira, Poção e Jataúba. Essas redes integram o município ao circuito da renda, mantendo uma relação sistemática que pode ser visualizada através da vinda de atravessadores a Camalaú, do sistema, ainda que precário, de transporte para as cidades pólo, da ocorrência de feiras semanais, da existência de uma fábrica como a Arte Rendas e da vinculação das rendeiras com os atravessadores.

A cidade de Poção possui, devido a sua altitude, um clima bastante agradável. Em 1981, quando houve a melhoria da estrada Poção – Pesqueira, o acesso viário ate ela passou a ser menos difícil. Denominada como Rodovia da Renascença, a estrada tem papel fundamental no escoamento da renda renascença produzida em Pernambuco e na Paraíba. A cidade de Poção que possui 11.178 habitantes tem como atividade econômica principal o comércio da renda. Possuindo a segunda maior feira de rendas do mundo, conta com uma fábrica de beneficiamento da renda – lavagem das peças; aplicação através de bordado manual; e aplique industrial da renda nas peças de linho – a Arte Rendas, que cumpre importante função na atividade da renda renascença. Segundo o dono da fábrica, Sr. Airon, dos profissionais que trabalham com a renda na região, oitocentos estão diretamente ligados a empresa e são mantidos por ela. Esses profissionais pertencem às cidades de Poção e Jataúba – PE; Camalaú, São João do Tigre, Congo, Zabelê e Monteiro – PB.

O município de Jataúba –PE possui uma população de 14.653 habitantes e um índice de desenvolvimento humano de 0,379 com uma taxa de analfabetismo de 67%. Segundo levantamento feito pelo Comunidade Solidária, não é desenvolvida na cidade qualquer tipo de atividade agrícola: a cidade sofre de uma grande escassez de água e seu abastecimento é feito por carros pipa provenientes do município de Brejo de Madre de Deus.

Devido às dificuldades de acesso ao município, a produção de renda renascença da cidade de Jataúba é vendida, apenas, para atravessadores e empresários de Pesqueira e de



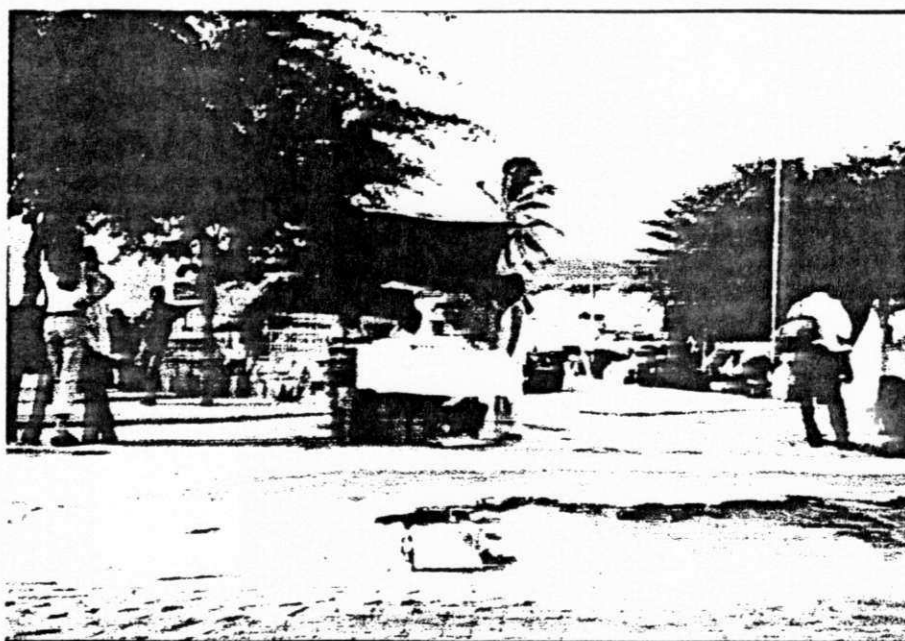
municípios vizinhos. Embora existam aproximadamente 150 famílias, das zonas urbana e rural, envolvidas neste ofício, esta atividade não garante uma renda mínima capaz de sustentar estas famílias, que vendem seu trabalho a preços irrisórios aos poucos atravessadores que têm acesso ao município.

As feiras de Jataúba e Poção acontecem, respectivamente, às sextas – feiras e sábados, em horários pouco convencionais – das 5:30 às 7:30. A escolha desse horário deve-se ao fato de os compradores não quererem se arriscar com o Fisco. O espaço em que as feiras de renda acontecem, guarda algumas diferenças quando comparado ao espaço ocupado pelas feiras que comercializam produtos agrícolas em geral, carnes e outros produtos. As feiras de renda se localizam no largo das principais igrejas das duas cidades, e ficam nas cercanias das feiras centrais, próximas ao local onde se estacionam os veículos que conduzem os feirantes até as feiras.

Orientada pela perspectiva de Certeau (1990:202), é possível pensar as feiras como “espaço praticado”. Segundo este autor, para que um espaço seja pensado como tal, é preciso que ele seja vivenciado. Nos seus termos, *“O espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”*. Nesse sentido, o espaço da feira precisa ser vivenciado como tal para ser caracterizado enquanto espaço. Certamente o largo da igreja não foi pensado e construído para sediar uma feira de rendas. No entanto, a feira é “praticada” lá.

A utilização do largo da igreja como espaço para a feira de rendas contempla duas características importantes: a sua amplitude comporta a quantidade de feirantes que semanalmente circulam por ela; como também a possibilidade de transitar rapidamente como em um lugar de passagem. E é precisamente, esta, a sensação que nos invade ao chegarmos às feiras: a sensação de que elas são provisórias. A feira de frutas, legumes, verduras, carnes, etc. tem seu espaço delimitado por bancas, barracas que, perfiladas uma ao lado da outra, parecem ser permanentes, dão a impressão de fixidez. Todas as semanas estão no mesmo lugar, com os

mesmos feirantes, que são conhecidos pelos nomes e pelos produtos que comercializam. Seu Chico da carne, seu Vavá da cebola, dona Antônia das bananas... Com a feira de rendas não acontece assim. Em princípio não há bancas nem barracas, a não ser uma ou duas que vendem linha e lacê. Os vendedores e compradores ficam andando de um lado a outro com suas sacolas e sacos, e têm, como apoio, os carros que ficam estacionados por perto. Mesmo sendo conhecidos por seus nomes e pela qualidade do produto que compram e vendem, os freqüentadores da feira de rendas se diferenciam dos demais, até pela natureza do produto que comercializam. A renda não é comprada para consumo próprio, ela ainda vai percorrer outros mercados até chegar ao consumidor final.



**Figura 17 : Barraca de aviamentos utilizados na confecção da renda.**

**Fonte: Pesquisa direta – Abril/2002**

Estas feiras são freqüentadas por atravessadores e rendeiras de poder aquisitivo diferente. Chegando em Poção, encontramos vários compradores de alto poder aquisitivo, vindos de Pesqueira, Recife e até de Fortaleza –CE, encostados em seus “carros importados” à espera das rendeiras com seus produtos. Além desses, encontramos outros compradores de

menor poder aquisitivo que chegam em Toyotas – transporte bastante comum na região -- também à procura da renda.

O acesso aos grandes compradores é muito difícil. Apesar das minhas tentativas, não consegui conversar com nenhum deles, que, desconfiados com minha presença e considerando-me como uma possível concorrente, evitavam-me não dando crédito a minha conversa.

Observando aquela feira, pude confirmar algumas impressões já obtidas no dia anterior, na feira de Jataúba, ao ver as rendeiras serem exploradas pelos compradores: muitas delas saem das feiras sem ter conseguido, sequer, dinheiro suficiente para cobrir as despesas que tiveram na confecção das peças. Segundo depoimento de algumas, elas se submetem a esse tipo de exploração, por precisarem levar comida para casa, pois sua ida à feira tem objetivos vinculados: vender as peças prontas para comprar os bens de consumo e o material para fazer novas peças de renascença. Os argumentos mais utilizados, por parte dos atravessadores, na hora de comprar uma peça, por um preço inferior ao que valem, são: que a rendeira deve se contentar com o pagamento à vista; e que a peça está mal feita e não vale o preço pedido por ela. As rendeiras, por sua vez, se submetem aos atravessadores, por preferirem sair da feira com o dinheiro em mãos, a saírem com um cheque pré-datado para uma data distante, ou, na pior das hipóteses, voltar para casa com a peça, o que seria ainda mais frustrante.

Em uma ocasião, na feira de Jataúba, tive oportunidade de acompanhar uma transação entre uma rendeira de um sítio das redondezas, que tentava vender uma toalha redonda de 1,30m, toda em renda, e pedia 130 reais por ela. Não encontrando quem desse mais de 90 reais pela toalha, dona Alice acabou não vendendo. Segundo dona Alice, naquele dia não foi possível melhor preço, pois a feira estava muito fraca. Ela estava voltando com a peça, porque o dinheiro que ela ganharia naquele dia não era para a sua feira semanal, mas para comprar tijolos para cobrir uma casa que estava sendo construída para a sua sogra. No entanto, em outras circunstâncias, “não dava pra voltar pra casa com trabalho na mão”.

Nas feiras, encontramos mulheres de várias idades, desde crianças até senhoras já velhas e doentes, vendendo suas peças. Compradores e vendedores circulam todas as semanas nas duas feiras. Nelas todos se conhecem pelos nomes e se mostram muito a vontade uns com os outros. Discutem, brigam e fazem as pazes em tempo recorde como se estivessem em família. Uma prática corriqueira nas feiras é comprar fiado, demorar a pagar – muitas vezes não honrando com o compromisso assumido – e utilizar como pagamento, desde linha e lacê, até cheques de praças distantes. Conversando com uma rendeira sobre os riscos que envolviam algumas daquelas transações, ela me relatou o seguinte:

*“Eu tenho aqui cheque de São Paulo, Recife, de Fortaleza, mas num tenho medo não. São cheque que os atravessador recebe quando vende a renda por aí pelo mundo, né? Mas tem que ser assim, a gente precisa vender e tudo nessa vida tem risco, né? Até hoje, graças a Deus, os cheque sem fundo que eu recebi, quando eles voltava eu entrego ao comprador que me passou e ele me da o dinheiro. Graças a Deus, até essa data eu num perdi dinheiro assim não. Mas, também, tem uma coisa. Do mesmo jeito que agente precisa deles (do atravessador) eles precisa da gente. E aqui todo mundo se conhece se um fizer safadesa fica sujo, né? Aí tem que pensar.” (Lêda, 30 anos)*

Ao argumentar, com tanta propriedade, sobre a difícil relação que envolve rendeiras e atravessadores, esta rendeira nos revela a dura realidade vivenciada nas feiras. Muitas vezes a rendeira é obrigada a vender suas peças logo que as apronta, pois se as peças forem consideradas como “resto da feira”, o seu preço cai ainda mais. Assim, nas feiras de renascença, cedo da manhã, as rendeiras disputam entre si os compradores para vender rápido sua mercadoria, pois necessitam do dinheiro para fazer a feira e prover o material de produção da renascença: e, à medida que as horas vão passando, cresce o poder dos compradores de baixar os preços das peças, diminuindo o poder de barganha da rendeira.

Em Poção, tive oportunidade de assistir a uma cena em que compradores “grandes” “massacravam” compradores “menores” que, por sua vez, faziam o mesmo com as

rendeiras em Jataúba, no dia anterior. Vendo aquela cena, ocorreu-me à imagem de uma relação entre predadores e presas em uma cadeia alimentar, em que o mesmo animal, ora é presa, ora é predador. Como as feiras ocorrem em dias diferentes, os comerciantes que estão, às sextas feiras, em Jataúba, estão aos sábados em Poção. A recíproca não é verdadeira porque, como na feira de Jataúba são comercializados produtos de qualidade inferior aos comercializados em Poção, o volume de negócios é também menor, e é em Poção que se encontra a fábrica de beneficiamento, os grandes compradores freqüentam mais a de Poção.

Estão em jogo, nessas relações, questões que vão para além da compreensão mais simples captada pelo primeiro olhar. A questão de fundo que surge é a da própria luta pela sobrevivência. Nesse sentido, é possível ver nas relações de compra e venda que ocorrem não só nas feiras, mas também em outros espaços – casas, lojas, etc --, estratégias de sobrevivência que são empreendidas buscando a melhor forma ou a forma possível de tirar o sustento.

Procuramos, neste capítulo, apresentar em que bases se assenta a relação rendeira-atravesador, enfatizando as características de dominação e compadrio, que tornam essa relação ambígua: bem como descrever os atravesadores atentando para a sua variedade, buscando, dentro das suas diferenças, apontar um eixo comum que permita sua inclusão em uma caracterização única, a de agente detentor da mais-valia, alguém que se apropria do fruto do trabalho alheio. Buscamos, ainda, caracterizar o espaço das feiras de renda, salientando suas peculiaridades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar construir uma versão para os fatos que acompanhei durante este estudo, uma teia foi sendo tecida com pontos de particular importância para a compreensão da organização da vida das rendeiras de Camalaú; aspectos do seu cotidiano foram postos em relevo os quais dizem respeito a organização do tempo entre o trabalho com a renda e com as tarefas domésticas, o valor simbólico da renda na vida dessas mulheres, a importância da renda como geradora de rendimentos e sua importância para o orçamento doméstico, além do relacionamento entre as rendeiras e os diferentes agentes envolvidos na produção e comercialização da renda. Para tanto, me fiz ouvinte dos relatos dessas mulheres e observadora do seu cotidiano, tratando o aparentemente corriqueiro como objeto de estudo.

Dar importância à sua atividade e às suas vidas provocou nessas mulheres um misto de espanto e gratidão, como se o “olhar” do outro atribuísse um valor especial à sua vida e trabalho. No decorrer da pesquisa fui positivamente “surpreendida” pela constatação de que a pesquisa de campo pode reconstruir o objeto de estudo, de que a teoria pode ser árida se não estiver num constante diálogo com os dados da pesquisa, de que o olhar treinado do pesquisador muitas vezes se engana.

Através deste estudo foi possível constatar o importante papel que o artesanato cumpre para as populações rurais atualmente. Para além de se configurar como uma atração turística, ou como produto confeccionado para atender a uma categoria específica de consumidores, ou ainda se constituir como uma atividade tradicional, autêntica e original, o artesanato deve ser visto como uma importante estratégia de sobrevivência para uma considerável parcela de famílias. Nesse sentido, considero viável pensar o artesanato como uma possibilidade de desenvolvimento local, desde que haja

políticas públicas que promovam a atividade artesanal, de sua produção à sua comercialização. É minha pretensão fazer investigações sobre este tema em futuros estudos.

Ao terminar um estudo desta natureza, acompanha-me muito mais a sensação de algo inacabado do que do dever cumprido. Talvez seja essa a sensação que acompanha quem tem por “objeto” sujeitos dinâmicos, que pensam e agem e que não podem ser contemplados apenas por um olhar. Mesmo assim, espero ter contribuído para o avanço dos estudos sobre o artesanato, acrescentando, aos já existentes, o meu olhar.

## BIBLIOGRAFIA



ALVIN. Maria Rosilene Barbosa. **Artesanato, tradição e Mudança Social: um estudo a partir da "arte do ouro" em Juazeiro do Norte:** In Ribeiro Berta (et all). O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro. 1983.

AUGRAS. Monique. **História Oral e Subjetividade.** Von Simson. O.R.M. (org.). Os desafios contemporâneos da história oral. São Paulo. Ed. Unicamp.1997

BANCO DO NORDESTE. **Diagnóstico das Rendas do Cariri Paraibano.** Abril, 2000.

BARREMAN. Gerald. **Por detrás de muitas máscaras.** In Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1975 p. 123-174.

BENJAMIN. Walte. **Magia e técnica, Arte e Política.** Ensaio sobre literatura e história da cultura. In : Obras Escolhidas volume 1. São Paulo. Brasiliense, 1987.

BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

CALDEIRA. Teresa Pires do Rio. **Uma Inclusão pelo lado "Não Respeitável" da Pesquisa de Campo.** In: IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1980. Rio de Janeiro. p. 2-25.

CANCLINI. Nestor Garcia. **Antropólogos Sob a Lupa:** ou quando falar das tribos quando as tribos são eles mesmos. Ciência Hoje v.15, n. 90, p. 26-31. 1993.

\_\_\_\_\_. **As Culturas Populares no Capitalismo:** São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARDOSO. R. C. L. **" Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método"** . In: A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1986. p. 95-105.

CAVALCANTI. Sylvia Pereira de Holanda; SILVESTRE. Inalda Monteiro (orgs.): **Artesanato Brasileiro: Uma Contribuição à sua Bibliografia.** Recife: Massangana. 1981. p. 114.

DREYFUS. Jenny. **Artes Menores**: São Paulo. Anhembi, 1959. p. 219-246.

DUARTE. Emeide Nóbrega Duarte; Neves. Dulce Amélia de B. Santos. Bernadete de L. O. dos Santos. **Manual Técnico para Realizações de Trabalhos Monográficos**: Dissertações e Teses. 4. ed. João Pessoa: Ed. UFPB. 2001. p. 94.

FARIAS. Ana Maria Nóbrega. **As Bordadeiras de Lagoa Seca**. Dissertação (Mestrado em Serviços Social). Centro de Humanidades, UFPB, 1988.

FERREIRA. Marieta M. **História Oral e Tempo Presente**. In: Bom Meihy, José Carlos Sebe (org.) (Re)introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo. Xamã, 1996, p. 11-21.

FONSECA. Claudia. **Família, Fofoca e Honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Ed. UFRS, 2000. p. 229.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE, Instituto Nacional do Folclore. **Artesanato brasileiro: rendas**. Rio de Janeiro. 1981. p. 96.

GATTAZ. André Castanheira. **A Busca da Identidade nas Histórias de Vida**. In: Anais do XVI International Oral History Conference. RJ, Brasil, 14-16, Junho, 1992.

GEERTZ. Clifford. **O Saber Local: Novos ensaios em Antropologia Interpretativa**: Petrópolis: Vozes. 1997. p. 85-107.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros**: Fortaleza: Ed. UFC, 1984. p. 16.

GONÇALVES. Regina Célia. **Vidas no Labirinto: mulheres e trabalho artesanal**: Um estudo sobre as artesãs da Chã dos Pereira – Ingá/PB – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades. UFPB, 1996.

GRÜNEWALD. Rodrigo de Azevedo. **Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2001. p.149-180.

HALBWACCS. M. **A Memória coletiva**. São Paulo. Editora Vértice. 1990.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: trabalho de pequenos produtos do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HERMITTE, Ester; SEGRE, Malvina. **Unidades Produtivas e Formas de Articulações com o Mercado Nacional: O Caso das Artesãs Têxteis do Nordeste Argentino**. In: *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: Análises Qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 162-182.

LIMA, Antônio de Macedo e AZEVEDO, Ivanilto Mendes de. **O Artesanato nordestino: características e problemática atual**. Fortaleza, BNB. ETENE, 1982.

LIMA, Elizabete Cristina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da Festa Junina no Espaço Urbano**. João Pessoa. Idéia 2002. p. 262.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de Lembrar e de Inventar (re)lembrações de migrantes**. São Paulo: Artes e Ciências.1999.

MAGALHÃES, Calvet de M. M. **A Arte Popular em Portugal**. Lisboa: Verbo-Scarpa, 1956. 3v.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1978. p. 22.

MENEZES, Marilda A. de. **As Estratégias de Sobrevivência dos Pequenos Produtores: o caso das migrações**. *Raízes Revistas de Ciências Sociais e Econômicas*, Campina Grande, nº 9 , p. 17-35, Jan.93/94.

\_\_\_\_\_. **Recrutamento de Trabalhadores Migrantes na Cana-de-açúcar no Estado de Pernambuco**. *Travessia – revista do migrante*. São Paulo, 2001 – Trimestral. Ano XIV, n. 41, p. 12-16.

\_\_\_\_\_; AIRES, Lúcia M. Arnoud; Souza, Maria Rodrigues: **Memória de Homens e Mulheres em Famílias de Camponeses – trabalhadores migrantes (1930-1970)**. In: X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001, Fortaleza. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: um estudo de família de camponeses. RJ/JP: Relume Dumaré/ Ed. UFPB, 2002.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1975. p. 211-243.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Editora Vozes, Petrópolis. RJ. 1994.

MOREIRA, Eliana Monteiro. A Regência do Afetivo: Laços familiares e espaços produtivos. In: ABRAMO, L. ABREU, A.R.P. (org). Gênero e Trabalho na Sociologia Latino-Americana. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

OLIVEIRA, Francisco José Galdino. **Influência da Renda Renascença na Economia do Município de Pesqueira e Cidades Circunvizinhas**. 194. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, n. 01 p. 14-37, v.39, 1996.

OSÓRIO, Carlos. **O Artesanato das Rendeiras de Renascença no Agreste do Estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil**. 1983. 29f. (Curso de Economia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1983.

PARA'IWA (Coletivo de Assessoria e Documentação). Projeto Renda do Cariri. João Pessoa. 1999.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos 3, v.2. n.3.

PORTO ALEGRE, Sílvia. **Arte e Ofício de Artesão: História e trajetórias de um meio de sobrevivência**. In: XI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais. Águas de São Pedro, São Paulo, 22 a 25 de Outubro de 1985.

\_\_\_\_\_. **Mãos de Mestre: itinerários da arte da tradição**: São Paulo: Maltese, 1994. 155p.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org). Experimentos com histórias de vidas. São Paulo. Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

REVISTA ISTO É. Cajamar – SP: Editora Três, 05/09/1994.

REVISTA MANEQUIM, São Paulo – SP. Editora Abril. Fev. 1999.

RIETVELD, João Jorge. **A Terra da Mulher que Rezava**. João Pessoa: Jaraguá, 1995. 89p.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar Paraibano**: João Pessoa: GRAFSET, 1997. 98p.

RUGIU, Antônio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão**: Campinas: Autores Associados, 1998. 167p.

SILVA, Maria A. Moraes. **Fiandeiras, Tecelãs, Oleiras... Redesenhando as Grotas e Veredas**. In: Projeto História: n.16, p. 75-104, 1998.

\_\_\_\_\_. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: UNESP, 1999. p.171-199.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**: 7.ed. São Paulo: Cortez, 1996. 108 p.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

\_\_\_\_\_. **Clase, revuelta y conciencia de clase**. Barcelona: Editorial Crítica S.A, 1979.

WOORTMANN, Klaas Axel. Os Desafios da Antropologia no Brasil em Face do Fenômeno da Globalização da Cultura. In: I Seminário de Antropologia e II Semana de Antropologia, 3, 1996, Goiânia. Série Seminários. Goiânia: Editora UCG, 1998. p. 67-85.

ZALUAR, Alba. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas: In: **A Aventura Antropológica Teoria e Pesquisa**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.107-125.

ZANELLA, Andréa Vieira. A renda que nem sempre gera renda. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n.25. p. 133-150, abril de 1999.